



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO SEM REVISÃO

COMISSÃO DO ESPORTE			
EVENTO: Seminário	REUNIÃO Nº: 0950/15	DATA: 23/06/2015	
LOCAL: Auditório Nereu Ramos	INÍCIO: 15h01min	TÉRMINO: 19h01min	PÁGINAS: 52

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

GONZALO BRAVO - West Virgínia University - Sistemas Esportivos Internacionais Comparados.
ANTÔNIO CARLOS GOMES - Debatedor à Luz do Sistema Esportivo Russo da UFPR.
VALTER BRACHT - Debatedor à luz do Sistema Esportivo Alemão da UFES.
PAULO SABIONI - Vice-Presidente da ONED e Secretário de Esporte em Valinhos.
CÁSSIA DAMIANI - Presidente do Grupo de Trabalho do Sistema Nacional do Esporte - GTSNE.

SUMÁRIO

OBSERVAÇÕES

NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO, APENAS PARA CONSULTA.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Evandro Roman) - Boa tarde a todos. Obrigado pela presença de todos vocês. Vamos dar continuidade ao Seminário do Sistema Nacional do Esporte em Construção.

Abrimos o segundo painel: *Sistemas Esportivos Internacionais*.

Lembro a todos que este Seminário da Comissão do Esporte, em conjunto com o Ministério do Esporte, está sendo realizado em razão da aprovação do Requerimento nº 47, de 2015, de minha iniciativa, que requer a realização de seminário para debater modelos de sistemas nacionais públicos e modelos esportivos de outros países, para orientar os trabalhos da Subcomissão Especial do Plano Nacional do Desporto. O Presidente é o Deputado Danrlei de Deus Hinterholz e o Relator, sou eu, o Deputado Evandro Roman.

Para dar início às apresentações, convido para se sentarem à mesa a Sra. Cássia Damiani, Presidenta do Grupo de Trabalho do Sistema Nacional do Esporte, do Ministério do Esporte; o Sr. Gonzalo Bravo, da West Virginia University, especialista em sistemas esportivos internacionais comparados; o Dr. Antônio Carlos Gomes, do Instituto Olímpico Brasileiro, meu grande amigo paranaense, como debatedor à luz do sistema esportivo russo; e o Prof. Dr. Valter Bracht, da Universidade Federal do Espírito Santo, também paranaense, debatedor à luz do sistema esportivo alemão. A Cássia também é paranaense. *(Risos.)*

Antes de passar às exposições, desejo-lhes informar as regras de condução dos trabalhos deste seminário.

O palestrante disporá de 60 minutos para a sua exposição e os debatedores, de 20 minutos. Após as participações do palestrante e dos debatedores, serão abertos os debates aos Deputados e público. Os interessados em interpelar o palestrante deverão inscrever-se previamente através das listas que circularão no plenário.

Em virtude da importância deste seminário, informo a todos que o evento está sendo transmitido pelo Portal e-Democracia, da Câmara dos Deputados, permitindo-se a participação virtual do público. Os internautas poderão enviar as suas perguntas aos expositores, que serão encaminhadas à Mesa por meio da nossa Secretaria.



Em nome do Presidente do CONFEF — Conselho Federal de Educação Física, o Presidente Jorge, quero cumprimentar todos os demais representantes aqui dos CREFs — Conselhos Regionais de Educação Física, pessoas realmente ligadas ao segmento esportivo.

Neste momento, passo a palavra ao Prof. Dr. Gonzalo Bravo.

O SR. GONZALO BRAVO - Boa tarde a todos! Boa tarde a todas! Falando em portunhol, quero dizer que esta palestra vai requerer de vocês muita atenção. A apresentação contém muitos diagramas, gráficos, que vão facilitar a compreensão, mas vou fazê-la em espanhol.

(Exposição em espanhol.) (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evandro Roman) - Nossos agradecimentos ao Prof. Dr. Gonzalo Bravo pela sua explanação esclarecedora nos comparativos.

Com a palavra, agora, o Prof. Antônio Carlos Gomes. *(Palmas.)*

Antes de ouvirmos o palestrante, peço 1 minuto, por favor. Gostaria de registrar a presença do Deputado João Derly, que me substituiu enquanto fomos registrar a presença no plenário. Estiveram também aqui conosco o Deputado Weliton Prado e o Deputado Otavio Leite.

Então, deixo aqui os nossos agradecimentos pela participação.

O SR. ANTÔNIO CARLOS GOMES - Boa tarde. Não consigo ficar parado. Permitam-me porque vou me movimentar um pouquinho. É o nosso jeito mesmo. Por causa da prática e tal, queremos nos mexer. Fala-se em esporte, queremos nos mexer.

Primeiro, agradeço o convite e parabenizo o evento. Trabalho com atletas de alto rendimento. Na minha carreira como atleta, professor, treinador, nunca tinha tido a chance de vir a uma plenária no meu País discutir algum assunto relacionado a sistema desportivo nacional, política de esporte nacional ou qualquer coisa nesse sentido. É a primeira vez que venho discutir isso. Estou acostumado a falar em sala de aula de fisiologia e de treinamento esportivo. Eu preparei alguns pontos da experiência que eu tive na ex-União Soviética e na Rússia. Eu cheguei lá em 1985, no ano da assinatura da Perestroika, e saí em 1997. Passei 12 anos lá. Até hoje tenho contato frequentemente com eles. Dou aula na Universidade Nacional de Cultura Física da Rússia. Então, eu tenho contato com eles há mais de 30 anos.



Também quero fazer a observação de que conversei com coordenadora científica do Ministério do Esporte da Rússia, pedindo permissão para falar de algumas coisas específicas a respeito deles. E acredito que neste momento até ela esteja acompanhando isso. Então, tenho essa observação.

Bom, gente, como começamos um bate-papo como esse? Primeiro, conto uma experiência inicial. Quando eu cheguei naquele país, em 1985, começo de 1986, o país vivia uma transformação política muito grande. Vocês recordam a assinatura da Perestroika e aqueles anos que sucederam a minha chegada, até 1992, 1993 e 1994. Esses foram anos duros para aquele povo. Com aquela transformação, evidentemente isso também foi muito difícil para mim, sair do Brasil e de toda essa tranquilidade — entre aspas — “liberdade”, etc. e tal, no nosso País, e acabar caindo em uma situação bastante diferente do que eu estava acostumado. Eu fui para lá evidentemente para fazer a minha pós-graduação. Na época cheguei para fazer mestrado e acabei ficando a carreira toda lá, interessado muito em fazer logo o meu curso e vir embora, apesar de que, quando eu cheguei, alguém me disse: “*Olha, você está dando entrada e vai embora daqui 10 ou 12 anos*”, mas eu queria me concentrar. E o que me chamou atenção para tentar entender um pouco o sistema deles, naquela oportunidade, e essa evolução que aconteceu hoje foi um fato interessante.

Quando cheguei, eu gostava de fazer exercício, como gosto até hoje. Então, eu pedi permissão aos coordenadores da época — nós estamos falando, daquela época, de 1985 e de 1986 —, e eles falaram: “*Pois não, o que você quer fazer?*” Como estava um pouco frio já, era em outubro e novembro, eu escolhi a natação. Então, eu fiz um exame, um dispensário médico de natação que cuidava disso e me autorizaram a nadar quatro ou cinco vezes por semana na piscina da universidade estatal, que na época se chamava Instituto Estatal da Ordem de Lenin de Moscou. Então, eu comecei a nadar e tal. Quando foi um dia, eu resolvi correr. Eu vou correr na rua, como eu corro aqui no Brasil. Eu saí correndo na rua e vi que as pessoas me olhavam estranho, muito estranho. Daqui a pouco, apareceu aquele motorzão grande, que encostou do lado, chamado na época agente da saúde, que me questionou a respeito da minha carteira, porque tinha carteira para tudo. E aí eu peguei a minha carteira e lhe mostrei e ele a olhou e disse: “*Você não está*



autorizado a correr". E eu falei que quem me autorizava a correr era eu. Ele disse que eu tinha autorização para nadar, mas não para correr, e que seria multado. Fui multado, me recolheram, me levaram de volta e me disseram que, se eu quisesse correr, teria que passar pelo dispensário médico para ser examinado e conseguir liberação também para correr. Eu perguntei: *"Eu não posso fazer do jeito que eu quero, correr em um dia e nadar no outro?"* Disseram-me: *"Não, você pode fazer desde que tenha autorização, porque, se te der um problema aqui no meio da rua e você pipocar, é o Estado que vai ter que responder por você"*. Aí fui fazer tudo quanto é exame, de novo, para poder correr. Então, eu tinha dois carimbos, o da nataçãõ e da corrida. Futebol eu jogava à noite escondido, depois que o KGB sossegava, porque não tinha autorização para jogar futebol.

O funcionamento desse sistema me chamou atenção na época e por isso vim acompanhando esse processo naquela oportunidade até hoje, a evolução com que eles tratam este assunto, chamado de cultura física e esporte. Eu não entendia no início o que seria cultura física. Eu achava que era fisiculturismo. Na verdade, o que eles chamam de cultura física é a prática geral que inclui todas as manifestações do esporte, todas elas.

Então, eles chamam de cultura física a cultura do físico, a cultura da atividade física mesmo, com uma influência muito grande em vários países, como vocês estão vendo, e em outros que eu nem coloquei ali. São muitos os países que tiveram uma influência muito grande dessa questão chamada cultura física.

Naquela oportunidade, nós começamos a tentar entender esse processo. Eles começaram com essa ideia há muitos anos, antes de 1900. Eu li o livro de um camarada chamado Vladimir Boyko, de 1896, um manual escrito à mão na época em que ele já referendava dados de 20, 30 anos atrás, falando da cultura física daquela sociedade, dizendo que aquele era o maior veículo social que tinham, porque havia uma preocupação com a saúde da sociedade. Então, os documentos mostram que entre 1917 e 1941 foi quando eles consolidaram essa questão da cultura física naquela sociedade ou para aquela sociedade. Alguns pressupostos ou alguns artigos — e eu tenho até algumas revistas na minha pasta — mostram que, muito originário ainda no Exército Vermelho e depois nas universidades sociais, como eles chamavam, eles começaram a chamar isso de uma forma diferente. Há



algumas publicações. Eu achei essas duas publicações de 1928 e 1936. Eles produziam algumas revistas, e a primeira delas em que está escrito fisicultura e esporte, quer dizer, cultura física e esporte, era uma revista popular que chegava à mão da sociedade e da sociedade universitária. As crianças recebiam isso em forma em gibi, falando da importância da cultura física naquela sociedade. E lá do outro lado está uma revista mais específica, mais técnica que chegava a especialistas das universidades.

Eles nunca tiveram muitas universidades de cultura física no país. Hoje, eles têm menos de 20 universidades de cultura física no país. Nós temos provavelmente mais de 900 ou 800. Eles não têm muitas. Eles têm institutos. Eu prefiro falar daqui a pouco sobre instituto.

O professor, doutor e cientista emérito Matveev conseguiu um pouco mais adiante, nos anos 40, 50, escrever fortemente sobre essa questão da cultura física naquele país socialista. A cultura física para eles era uma forma de colocar esse povo para se movimentar o tempo todo, desenvolvendo a cultura da prevenção de saúde. Todos os documentos que eu leio deles falam muito em qualidade de saúde. Eles tinham horários diferentes nas empresas e nas universidades, permitindo, instigando e estimulando as pessoas a fazerem a prática da cultura física.

É óbvio que isso que já foi bastante discutido aqui hoje vem da cultura da sociedade mesmo — das crenças, da arte, das questões relacionadas com a moral e com o conhecimento —, ou seja, da cultura de uma forma geral. A aplicabilidade disso aí veio dentro das manifestações da cultura de uma sociedade. Quando nós falamos em sociedade, as culturas são bastante parecidas, mas têm suas particularidades. Então, quando se coloca em discussão a cultura religiosa, existem particularidades nesse mundo afora. Quando se fala na cultura antropológica, existem suas diferenças científicas, uma cultura de ciência. Existe cultura no continente africano e em todo canto do mundo. Existem culturas mais fortes nas crenças, na reza, como é a cultura, por exemplo, do futebol. O futebol — está ali o árbitro que sabe bem disso — tem uma cultura própria dele, uma crença dele, tem rezar, tem que encostar um pé no outro, tem que gritar. Essa é a cultura do futebol.

Eu lembro que, uma vez dirigindo um clube de futebol lá no Paraná — o Clube Atlético Paranaense —, nós saímos para um jogo e esquecemos a santa, que



santa ficou no vestiário. O ônibus já havia andado uns 200 quilômetros, pararam o ônibus, subiu um jogador junto com o massagista e falou: “*Professor, tem que voltar para pegar a santa*”. Eu falei: “*Você está louco, nós já viajamos 200 quilômetros*”. E ele falou: “*Mas sem a santa nós vamos perder o jogo*”. Eu olhei para o treinador — treinador famoso de nome Popó —, e ele falou para mim: “*Professor, não quero nem saber, isso aí o senhor resolve com eles*”. Eu falei que não ia voltar para buscar a santa. Os jogadores emburraram e disseram que sem santa não iriam. Aí tomei a decisão seguinte: “*Então, vocês tocam, e, na primeira parada, nós vamos comprar umas cinco santas daquela*”. Aí eles falaram: “*Esse homem, o coração dele não é da nossa terra*”. Bom, resumindo, a pressão foi tão grande que eu resolvi pegar um táxi e voltar para buscar a santa. Eles falaram: “*Não, a santa tem que entrar no ônibus. Ela está lá no vestiário, a última oração foi feita com ela*”. Tivemos que voltar para pegar a santa. Levamos a santa lá para o jogo, em Santa Catarina, mas a santa foi pega com tanta raiva, quando peguei, que quebrou o pescoço. Quando cheguei lá, eu tive que colar o pescoço da santa e a coloquei lá para os caras rezarem. Eu coleei, mas a santa ficou lá com o pescoço meio de lado. Resumindo, perdemos o jogo. E a conversa era: “*A santa, professor*”.

Então, mesmo como acadêmico, nas outras vezes, eu era o primeiro a dizer: “*Cadê a santa*”. Ou seja, o conhecimento popular, a crença é muito forte em uma sociedade. A política é uma cultura, enfim, a cultura artística, as regras, as leis, os costumes, e entra lá a chamada cultura física.

Quando se fala, por exemplo, de cultura artística é interessante. Eu, às vezes, ia com alguns colegas ao Teatro Bolshoi assistir à melhor ópera do mundo. Eles começavam a tocar aquela ópera e demorava mais ou menos 1 minuto e meio para eu dormir. Várias vezes eu acordava e encontrava meus amigos, principalmente o José, da Espanha, chorando de emoção, porque ele dizia para mim que aquele grupo que estava tocando ópera nunca mais iríamos ver na vida. Dentro de mim, eu falava: “*Graças a Deus*”.

Aquele som da ópera, ele chorando, e eu dormia. É cultura. Provavelmente, se estivesse tocando Tatiana Quebra Barraco, eu estava firme, porque aquilo faz parte da minha alma, do meu espírito, do meu coração. A ópera não. Então, quando falamos nessa cultura, é uma coisa muito interessante. E, quando chegamos à



cultura física, também há diferenças. Todo mundo gosta lá do futebol, do voleibol e do handebol, mas cada país tem a sua prática cultural mais forte.

O caso deles especificamente — eu trabalhei com eles no futebol —, em uma final de um campeonato nacional no Estádio de Lenin há 20 mil pessoas; três dias depois, em uma final de hóquei sobre o gelo, há 100 mil pessoas no estádio. Quer dizer, eles praticam tudo, mas têm a cultura deles, da modalidade deles, que faz parte do metiê deles.

Então, isso tudo leva evidentemente uma mistura no conceito que eles têm sobre isso, ou seja, a cultura da sociedade deles, frio 8 meses por ano, coberto de neve, os leva para uma cultura de atividade física diferente da nossa. Eles gostam de jogar lá o braço de ferro deles, gostam de disputar as lutas, praticam mais esportes de sala do que nós.

E, por outro lado, a cultura física deles influencia no esporte que praticam na sociedade, eles têm toda uma característica para aquele tipo de modalidade esportiva que se difere da nossa aqui.

Por outro lado, como eles veem o esporte na cultura deles? Eles veem o esporte com manifestações diversas. Por exemplo, o esporte, para eles, tem uma conotação interessante e um pouco diferente do que sempre discutimos por aqui. Quando falamos em esporte, vem à mente logo a alta competitividade.

Para eles, o conceito de esporte — eu tenho lido vários livros de filósofos famosos que lidam com o esporte russo — é um conceito singular, é esporte mesmo, esporte, para eles, vem de espontaneidade, esporte, para eles, vem de esportividade. Então, para eles, esporte é qualquer manifestação que existe de movimento, de exercício da sociedade, por exemplo, fazer musculação, caminhar, nadar, isso tudo, para eles, é esporte.

Agora, o que é interessante é o seguinte, você pratica várias modalidades de esporte. Então, esporte vem de espontâneo, eu decido, eu faço, eu tenho prazer, não importa qual é a manifestação. *“Eu disputo as Olimpíadas, eu tenho prazer em fazer isso”*. *“Não, eu não gosto disso, eu jogo o esporte com os meus filhos, no parque, eu caminho no bosque”*. Isso tudo, para eles, é esporte.

E, verdadeiramente, é o seguinte, aí vêm as manifestações diversas que aí estão, que é o esporte como fim de condicionamento físico das pessoas, é o esporte



como um tratado para melhorar a qualidade de saúde das pessoas, é o esporte dando oportunidade ao talento, porque, em uma sociedade, existe o talento do esporte, da música, da arte, e ele precisa ser oportunizado, é o esporte dando oportunidade a quem gosta do rendimento, mas, para eles, também há uma coisa interessante, eles entendem que uma totalidade muito alta da sociedade deles participa do esporte, pratica o esporte até mesmo sem se movimentar.

Então, eles entendem que o camarada que assiste ao esporte, que assiste ao basquete, que assiste ao futebol, que assiste à ginástica, ele ama, apesar de não praticar, não executar, ele é um participante do esporte.

A partir daí, alguns conceitos são conceitos estatais, que ainda vêm daquela época, quer dizer, a manifestação do esporte de uma sociedade é um direito das pessoas, é um dever do Estado, o esporte pode representar a soberania não só de ganhar medalha, mas da saúde de um povo, e assim a coisa anda mais ou menos por aí, que são conceitos que ainda vêm daquela época em que eles preparavam soldados para enfrentar a neve, para enfrentar a guerra.

Algumas publicações que temos mais recentes colocam a cultura física numa nação como um viés de grande importância em qualquer que seja o governo. Entende-se a cultura física um processo único, apesar de haver alguns segmentos de prática da cultura física. Então, por aí caminha o raciocínio da cultura física.

E, conforme já coloquei a vocês, o conceito do esporte, para eu falar um pouquinho do esporte, ele vem de esportividade, de espontaneidade, quer dizer, quando eu decido que, a partir da semana que vem, eu vou começar a caminhar, eu estou fazendo esporte.

E esse conceito mostra que, qualquer que seja a manifestação do esporte, existe um regulamento, existe regra, existe a regra oficial, por isso, para eles, o esporte só tem duas saídas, esporte oficial e esporte não oficial. Esporte oficial é o que a menor quantidade de pessoas no mundo pratica, que é o esporte regido pelas regras internacionais, pelos comitês olímpicos internacionais, esse é o esporte oficial. Ele é praticado pelo atleta que se preparou, mas o esporte oficial também pode ser praticado por pessoas que não se prepararam. Por exemplo, o cara trabalha em um banco, mas, no final de semana, ele joga o futebol dentro das regras oficiais.



E o esporte não oficial é tudo que acontece fora do regulamento olímpico. Você decide as regras momentaneamente, as regras são adaptadas, as regras são da família, as regras são da sociedade, enfim, são todas as manifestações de atividade física em que não há preocupação com a regra oficial.

A partir daí, algumas coisas que tenho lido da nossa forma de pensar e de outros países é que, por exemplo, aquilo que chamamos de lúdico, recreativo, lazer, para eles, é processo pedagógico da prática do esporte. Eles não gostam de dividir e dizer: “*Esse esporte é recreativo*”. Porque, para eles, o esporte não é recreativo. O movimento é movimento. Se a pessoa estiver correndo em volta de uma quadra, e nós estivermos cantando “*Atirei o pau no gato*”, eu abordei o esporte de forma recreativa, só isso, mas, se eu parar de cantar aqui, ele vai continuar correndo de uma forma mais sistematizada.

Então, o esporte não é recreativo, o esporte é a prática do movimento. O recreativo é a abordagem que eu dou àquela prática naquele momento. Quer dizer, recreativo, lúdico, tudo é lúdico. Qualquer que seja a manifestação do esporte tem que ter ludicidade, senão não é possível a pessoa realizar isso. E assim é o raciocínio.

Veja bem, esporte educacional, quando eu falava isso em qualquer discussão científica, eu era sempre repreendido, porque parece que a minha fala era: “*Aqui, educacional, e lá não é educacional*”. Se é esporte, ele tem um viés de educação o tempo todo. Então, não pode ser um esporte educacional e o outro não. Isso na visão deles lá.

Um princípio fundamental, por exemplo, aqui a gente diz assim: “*Eu sou professor de exercício físico, saúde, e ele é esporte*”. Como? Saúde é um princípio da prática do esporte, não é uma área. Ela é um princípio pedagógico da prática do esporte, seja do esporte *fitness* da academia, seja do esporte lá nos Jogos Olímpicos. Então, é mais ou menos por aí o raciocínio.

Como é que eles organizam isso tudo? Então, esse já é um trabalho bastante recente, vigente desde 2008 para cá, quando eles criaram a abordagem, ou seja, a diretiva do esporte, modificando bastante aquele sistema antigo.

Ligado à Presidência da República, há o Governo da Federação Russa, o Ministério do Esporte, Turismo e Política da Juventude. Eles proveem isso aí com



alguns organismos de Poder Executivo, em regiões, Estados, Municípios. E a ideia é sempre com tudo no domínio da cultura física e esporte. Dentro da cultura física, está o esporte, mas o esporte também tem sua particularidade, principalmente quando se fala no esporte de rendimento. E, em alguns setores ali embaixo, está ligado à gestão.

O Presidente tem ligado diretamente ao Gabinete do Presidente da República um Conselho Nacional, uma Comissão anexa à Presidência da República, para que estudem, deem conselho à Presidência, supervisionem o Ministério do Esporte, supervisionem as ações que acontecem em relação à questão financeira do esporte do País. Eles dão conselho ao Presidente, ou seja, os pensadores aqui embaixo no Ministério desenvolvem os seus projetos, os seus programas, e esse Conselho Nacional aprova ou não, dá palpite sobre tudo o que estão pensando. Por outro lado, tem-se alguns departamentos públicos, sociais de cultura física ligados a isso e que estão espalhados por todo o País. Eles têm muita particularidade, a cultura deles tem muita particularidade de prática da cultura física.

Com relação ao lado mais siberiano, muito frio, é uma cultura um pouco diferente da central de Moscou, por exemplo. E, vão compondo isso com alguns centros de federação, de preparação esportiva, centros relacionados à preparação física. E, na base aqui, vê-se as escolas desportivas, organização de estabelecimentos de ensino e ciência do esporte.

Os grupos de prática desportiva são grupos em que a própria sociedade se reúne. São associações de bairro, as instalações desportivas, as empresas, indústrias, enfim, a mídia.

Então, quanto a esse Conselho, é muito importante verificar em cima, ao lado esquerdo do eslaide, o Presidente da Federação Russa. Esse Conselho é normatizador de tudo isso que acontece na sociedade. Então, a partir daí, desencadeia-se todo o processo de funcionamento do esporte.

O raciocínio, na verdade, parte de alguns princípios. Hoje pela manhã, ouvi um colega falando de, primeiro, determinar os princípios antes de organizar o sistema. Então, o princípio básico é oportunizar as pessoas, dar oportunidade às pessoas para que tenham experiência com a cultura física, seja ela a manifestação



que for. Assim, a cultura física está na indústria, na empresa, na escola, na família, no bairro, na Igreja. Este é o primeiro passo: dar oportunidade às pessoas.

O segundo passo é que procurem sempre identificar, principalmente nos jovens, na escola fundamental, a potencialidade dos garotos para o esporte. Por outro lado, vem aquilo que se chama de promoção. Quando se identifica, então, passa-se a promover o jovem dentro daquela atividade em que ele já mostrou certa potencialidade. E, aí, passa-se ao processo de seleção e, depois, vai-se ao aperfeiçoamento desportivo. Quer dizer, esses são alguns princípios básicos. Na oportunização, eles conseguem segurar a chamada cultura física.

As universidades estão muito ligadas a tudo isso. Eles têm um sistema bem unificado. O Ministério dos Esportes russo tem total ligação com os centros universitários de formação de profissionais. Então, essa cultura deles é uma coisa interessante.

Para finalizar, a formação de um profissional demora por volta de 6 anos, cursados em período integral. E os russos entendem que, ao se entrar na universidade, deve-se passar um período estudando cultura, sociedade e ciência. Esse é o primeiro bloco de matérias. Todos estudam cultura, sociedade e ciência, porque é nesse ponto que eles vão atuar.

No segundo bloco de formação, eles estudam Biologia do Esporte, o funcionamento do corpo do indivíduo. Então, eles passam um período estudando todas as disciplinas relacionadas com o corpo humano. Já estudaram sociedade, ciência e cultura no primeiro bloco e, no segundo, estudam o desenvolvimento biológico.

No terceiro bloco, eles estudam todas as formas de manifestação do esporte na sociedade: as manifestações dos jovens e da terceira idade, as manifestações competitivas, etc.

E, no último bloco, o indivíduo se especializa. Então, aquele colega que está dando aula para crianças, o que está dando aula para a terceira idade, o que está no esporte de rendimento, todos têm uma formação em sociedade muito forte, conhecem muito bem o funcionamento do corpo e têm a sua especialidade de atuação.



Então, é mais ou menos assim que isso funciona. Eu trouxe muitos materiais. Depois, posso deixá-los à disposição de vocês.

Um abraço! (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evandro Roman) - Agradecemos ao Prof. Dr. Antônio Carlos Gomes pela excelente explanação.

Gostaria de dizer que a lista de inscrições para as falas e as perguntas a serem feitas depois do debate já está com a Jaqueline, que está ali em pé. Por favor, se alguém quiser usar da palavra, inscreva-se, pois ela será concedida pela ordem da inscrição.

Eu gostaria também de registrar que estive por aqui o Deputado Marcelo Aro, de Minas Gerais. Ele permaneceu no plenário durante algum tempo, mas acabou saindo.

Passamos agora a palavra ao Prof. Dr. Valter Bracht.

O SR. VALTER BRACHT - Muito boa tarde! Queria agradecer-lhes o convite, parabenizá-los pela organização deste evento e saudar meus colegas de mesa.

Quero dizer que, ao contrário do Prof. Gonzalo, não sou um estudioso dos sistemas esportivos, muito menos do sistema alemão — tenho algum conhecimento, uma vez que fiz minha pós-graduação naquele país —, mas me disponho aqui a fazer alguns comentários sobre esse sistema que talvez possam nos ajudar, bem como a complementar esses comentários com alguns ganchos que eu queria estabelecer tanto com a apresentação do Prof. Gonzalo quanto com a do Prof. Antônio Carlos e com alguns elementos que talvez possam nos ajudar a pensar a organização do esporte no Brasil.

Não por acaso, eu tomei como mote, para apresentar rapidamente como está organizado o esporte na Alemanha, a distinção entre o que se chama de *Leistungssport*, que seria o esporte de alto rendimento, e o *Breitensport*, que seria o esporte amplo — vamos chamar aqui de “esporte para todos”.

Inicialmente, para entender essa organização na Alemanha, é importante dizer que o país tem uma longa e forte tradição no plano das associações ginásticas e esportivas, a qual remonta ao século 18. Essa tradição fez com que hoje existam em torno de 91 mil associações ou clubes esportivos espalhados pela Alemanha. Ou



seja, há uma grande capilarização da estrutura esportiva, inclusive em pequenas comunidades.

Esses pequenos clubes ou associações podem associar-se a federações, que podem ser regionais, estaduais ou nacionais. É fundamental entender que esses clubes e associações, na sua maioria, estão voltados para a própria comunidade, como uma forma de oferecer a possibilidade de realização de práticas esportivas e de outras práticas corporais não esportivas para a população que circunda aquelas associações.

Até recentemente, especificamente até 2006, no sistema esportivo alemão existiam duas organizações paralelas. Uma federação, que reunia todas as associações e todos os clubes do país, a famosa Deutscher Sports, a federação alemã e o Comitê Olímpico Alemão, que era paralelo, quer dizer, tinha outra organização.

Em 2006, eles uniram essas duas organizações numa associação que eles chamam de Federação Alemã Olímpica de Esportes. Essa federação, então, é responsável por esse grande espectro da prática esportiva na Alemanha. Ela tem basicamente três grandes departamentos. O departamento de esporte de alto rendimento, o departamento de desenvolvimento do esporte, que seria exatamente esse que cuida do chamado (*Idioma estrangeiro. Alemão*), o esporte amplo da população e o esporte da juventude, que tem programas específicos. Aqui é importante, não se chama esporte escolar, chama-se esporte da juventude, porque essa Federação não tem ingerência direta sobre esporte escolar, que está vinculado aos Ministérios da Educação dos Estados.

Essa fusão de 2006 trouxe certa infusão na política esportiva da Alemanha. Esse fato está relacionado, embora não só, mas está fortemente relacionado com a chamada reunificação da Alemanha, que vai acontecer em 1989, pós-queda do muro de Berlim.

A Alemanha Oriental tinha outra organização esportiva completamente diferente, quase não tinha clubes esportivos. Era uma forma de organização baseada na famosa pirâmide esportiva, que era voltada fundamentalmente para o esporte de alto rendimento.



Eu gostaria de ressaltar alguns desenvolvimentos, alguns desdobramentos dessa fusão e dessa relação entre o esporte mais amplo da população e o esporte de alto rendimento.

Nas décadas de 70 e 80, particularmente nos países do norte Europeu, incluindo-se a Alemanha Ocidental, mas excluindo-se a chamada de DDR, que era a Alemanha democrática ou a Alemanha do leste. Nessa época, no contexto do estado bem-estar social, desenvolveram-se grandes programas e campanhas de iniciativas políticas de ampliação da prática esportiva, por parte da população em geral. Quem se lembra da campanha Mexa-se, aqui no Brasil, era o desdobramento da campanha Esporte para Todos, que se vai iniciar exatamente nos países do norte Europeu.

Essas campanhas de ampliação da prática esportiva foram apoiadas pelo poder público, mas também fortemente apoiadas pelas grandes empresas de seguro-saúde, por razões óbvias. Elas foram apoiadas tanto nos planos municipal, quanto estadual e nacional.

Concretamente, esse apoio se expressou na forma de subsídios e de recursos para a melhoria das condições da prática, na rede já existente de clubes e associações. Como eu disse, ela é extremamente abrangente na Alemanha.

Havia programas de subsídios públicos, por exemplo, para melhorar as instalações desses clubes. Melhorar a alocação de professores de educação física para orientar as práticas nesses clubes, que são clubes privados.

Esse fenômeno transformou a sociedade alemã numa nação esportiva – eles têm orgulho disso. Só que não podemos esquecer que essa expressão nação esportiva não está associado ao sucesso olímpico da Alemanha Ocidental ou ao sucesso no esporte de alto rendimento.

Aliás, o sucesso da Alemanha Ocidental, na época, se comparado com a Alemanha Oriental era pífio. A Alemanha Oriental, com um terço da população tinha um desempenho Olímpico três vezes melhor do que a da Alemanha Ocidental. Então, nação esportiva aqui significa acesso da maioria da população à prática esportiva.

Em função disso, os dados indicam que em torno 50% da população alemã participou regularmente de práticas de ginástica esportiva. Para se ter uma ideia,



eles têm em torno de 30 milhões de pessoas associadas a esses clubes. Ou seja, um em cada três alemães participa de um clube desse.

Aliás, tem uma tradição forte chamada associacionismo. Brinca-se que, quando dois alemães se encontram na esquina, eles fundam um clube esportivo. É uma brincadeira que é comum lá.

O que eu quero destacar aqui nesse sentido é o seguinte, que essa expansão da prática, com esses movimentos, vai promover, no plano da organização do esporte e do entendimento do esporte, uma grande ruptura, que é a ruptura com a famosa pirâmide esportiva. Chega-se à conclusão de que aquela pirâmide esportiva não expressa o que acontece no plano da prática esportiva em um país. Tem-se um esporte que é praticado pela grande massa da população, com determinadas características, com determinado sentido, e outro esporte que é praticado por um grupo pequeno, seletivo, e que tem outras características. Ou seja, não dá para associar esse esporte, chamado *Breitensport*, com o *Leistungssport*, porque são coisas muito distintas. Então, a ideia da pirâmide esportiva, que, segundo o Prof. Gonzalo, de alguma forma, ainda vigora nos Estados Unidos, tem um rompimento com essa perspectiva, nessas décadas de 70 e 80.

Esse fenômeno do esporte da Sociedade Esportiva Alemã levou a chanceler Angela Merkel, por ocasião exatamente da instalação dessa Federação Alemã Olímpica de Esporte, mais especificamente em maio de 2006, a reconhecer explicitamente que — e, aí, abrimos aspas — “o grande pilar, senão o mais sólido fundamento do esporte alemão, é o esporte para todos, o *Breitensport*”. Então, há esse reconhecimento.

No entanto, esse reconhecimento, em muitos países, inclusive no nosso, não tem correspondência quando se observa a destinação de recursos e esforços públicos. O discurso é esse, mas, na hora da ação, o que é privilegiado é o esporte de alto rendimento.

Então, o que os críticos do atual sistema alemão indicam é que ganhar medalhas tornou-se, na verdade, o grande mote orientador das ações da Federação Olímpica Alemã de Esportes. Fala-se, inclusive, num processo de “DDRização” do esporte da Alemanha Ocidental, fazendo menção à antiga Alemanha Oriental, ou seja, há uma aproximação com o modelo antigo da Alemanha Oriental.



Bom, eu evidenciei esse aspecto da relação entre o esporte de rendimento e o esporte para todos, porque, no meu entendimento, ele é extremamente fundamental para pensarmos em como organizar o sistema ou organizar a prática do esporte no País.

É importante e fundamental que olhemos para o fenômeno esportivo e possamos partir das suas diferentes características, suas diferentes funções sociais e sua distribuição entre diferentes grupos sociais, como, por exemplo, o engajamento desigual na prática esportiva em função da posição de classe social e assim por diante.

Enfim, é crucial compreender o significado social das diferentes manifestações do esporte, bem como suas articulações com diferentes subsistemas sociais, como a economia, como a educação, como a cultura e assim por diante, como foi, inclusive, colocado hoje pela manhã.

O esporte tornou-se, ao longo do século XX, um fenômeno muito multifacetado. Então, se, no começo do século XX, nós falamos no esporte, hoje temos que entender que o esporte tem características muito diferenciadas. Essas diferenças lhe conferem múltiplos sentidos, e é praticado também por diferentes grupos sociais com diferentes sentidos. É um fenômeno extremamente complexo. Diversificaram-se muito as modalidades, diversificaram-se as formas de práticas, os equipamentos necessários e assim por diante.

Uma de suas manifestações, já citada aqui, que é o esporte de alto rendimento, tem algumas características que são importantes para a nossa discussão. A primeira característica importante é que as ações no interior desse sistema do esporte de alto rendimento estão orientadas pelo código binário da vitória e da derrota. Esse é o código que orienta as ações do interior desse sistema. Outra característica importante para pensar as políticas públicas é que ele é praticado por um grupo pequeno e seleto de pessoas que passam por um treinamento muito específico. Ou seja, desenvolveu-se uma tecnologia muito específica, que é muito diferente da tecnologia necessária para a prática do chamado Esporte para Todos.

Outra característica fundamental é que esse esporte está organizado mundialmente a partir da lógica da mercadoria. A sua mercadoria é a *performance* como espetáculo — daí a mídia, principalmente a TV, ser parte constitutiva do



sistema. Então a mídia não é mais algo fora do sistema esportivo — já é parte do sistema esportivo, inclusive como colocou o Prof. Gonzalo. Quer dizer, de onde vem o dinheiro? Da TV? Não é o dinheiro do esporte. Não é mais possível pensar o esporte de alto rendimento, de espetáculo, sem a participação da mídia. E o que o esporte produz? Produz um espetáculo que é mercadoria. Então é fundamental ter claro que os códigos ou o sentido da saúde e da educação não desempenham nenhum papel como orientadores do esporte de alto rendimento. A época do chamado esporte virtuoso já se foi. Ao contrário, o esporte de alto rendimento caminha na direção de se tornar um problema de saúde. E o fenômeno do *doping* nos desautoriza a falar em influência educativa positiva desse tipo de esporte. Nunca é demais ressaltar que, quando se fala de impactos positivos da prática da atividade física, esportiva ou não, sobre a saúde, por exemplo, inclusive reduzindo custos do sistema de saúde, não se está falando do esporte de alto rendimento, e sim de práticas massivas por parte da população em geral.

Aliás, reivindicar a participação do Estado na realização dos megaeventos esportivos hoje é feito pelo sistema esportivo não mais com base em argumentos do tipo repromoção da saúde ou desenvolvimento educativo, e sim a partir de argumentos econômicos: quantos empregos vai gerar a Olimpíada no Brasil, quantos turistas vão vir para cá etc. Não se fala mais em impacto sobre saúde etc., porque não é esse o sentido dessa prática.

Voltando à Alemanha, é interessante lembrar também o que disse o chanceler Helmut Schmidt. Quem é da política vai reconhecer essa figura, um grande político alemão da socialdemocracia alemã, que sucedeu Willy Brandt. Em 1975, ele disse numa conferência da Federação Alemã de Esportes, em Frankfurt: *“O número de medalhas não diz absolutamente nada a respeito da liberdade e do grau de justiça existente numa sociedade.”* Ou seja, as medalhas olímpicas e outros troféus esportivos internacionais se constituem hoje num fetiche utilizado pelas multinacionais esportivas, incluídas as próprias organizações esportivas e as empresas a elas ligadas para manter em alta seus produtos. Entendo, portanto, que essa manifestação do esporte precisa ser considerada como ela é: uma parte da indústria de entretenimento, de receber tratamento por parte do Estado como tal, ou seja, como segmento da economia. Portanto, é uma ação eminentemente regulativa



do Estado. Por outro lado, ou por isso mesmo, entendo que o núcleo, a preocupação central das políticas públicas de um sistema esportivo nacional deveria ser o cidadão comum. Refiro-me aos 190 milhões de brasileiros que não são atletas de alto rendimento. A esses devem se destinar os recursos públicos.

Voltando à questão da superação do modelo da pirâmide esportiva, um dos desenvolvimentos recentes do alto rendimento é que ele se tornou uma prática tão especializada, com uma tecnologia tão específica, que a relação com a prática esportiva do cidadão comum se alterou também substancialmente. Por isso há a dificuldade — anunciada pelo Prof. Gonzalo, várias vezes enfatizada — de se articular o que é o esporte praticado pelo cidadão comum com o sistema de esporte de alto rendimento. É porque não se conectam mesmo. Então, não é uma dificuldade conceitual ou de esforço organizativo. É que são coisas muito distintas. O cidadão comum não toma como referência para a prática esportiva o que acontece no esporte de alto rendimento. Isso explica por que o nível da prática esportiva por parte da população não é afetado pela realização de megaeventos esportivos em determinado país. As pesquisas mostram isso. Aliás, algumas pesquisas mostram que isso diminui, como é o caso de Sidney, na Austrália, porque não é esse o modelo, não é essa a referência para a prática do cidadão comum. Ele precisa ter 2 metros de altura e treinar muito para enterrar a bola de basquete. É melhor fazer uma caminhada. Outra coisa importante: os equipamentos sociais para essas duas práticas também são absolutamente diferentes. O esporte de alto rendimento exige cada vez mais equipamentos específicos e com alto nível de tecnologia, que o tornam extremamente caro e não são utilizáveis pela população em geral. Por outro lado, os equipamentos para a prática do esporte do cidadão comum têm a vantagem de poder compor de forma muito mais sustentável o ambiente urbano e são muitas vezes multifuncionais, em contraposição à especificidade e à monofuncionalidade dos equipamentos destinados ao esporte de alto rendimento. Vou dar um exemplo só: ciclovias são utilizadas para o deslocamento para o trabalho, mas também para o lazer no final de semana. Elas são ocupadas pelos chamados atletas de final de semana ou pessoas que gostam de andar de bicicleta, ao passo que um velódromo, que, como vocês sabem, é um equipamento para corridas de ciclismo, tem um custo



altíssimo e é utilizado somente para uma prática muito específica de um grupo seleta e extremamente pequeno.

É importante, no meu entendimento, ter claro que uma política pública que quer promover a prática esportiva como promoção de saúde, como lazer ativo, precisa se voltar totalmente para as práticas corporais de movimento do chamado cidadão comum, que, volto a repetir, estão muito longe das práticas esportivas de alto rendimento.

É preciso considerar também que no Brasil, na medida em que nós descemos na hierarquia social, diminui o envolvimento com práticas corporais desportivas. Nós temos um forte corte de classe. Quando nos referimos às mulheres, essa diminuição é ainda maior, é acentuada.

Quero fazer menção agora ao chamado esporte escolar. Na nossa legislação se fala ainda de um esporte educacional. Já foi colocado pelo Antônio Carlos, e eu concordo com ele, que essa é uma denominação equivocada. No sentido geral, toda prática esportiva é educativa, se eu não faço um julgamento de valor, óbvio, sobre o tipo de educação que acontece aí. Toda prática que tem, inclusive, um grande envolvimento emocional e afetivo tem uma influência sobre o desenvolvimento das pessoas. O que se chama no Brasil de esporte educacional é basicamente o esporte praticado por escolares. Aqui, nesse plano, nós temos um dos maiores equívocos no plano das políticas públicas, pois o sistema esportivo trata o esporte escolar como um segmento seu — no caso brasileiro, com a participação do Ministério do Esporte — quando, na verdade, trata-se, enquanto prática ligada à escola, de uma prática atinente ao nosso sistema educacional. Portanto, por ele deve ser responsável o Ministério da Educação — é óbvio que em diálogo com o Ministério do Esporte e com outros Ministérios ou outros segmentos do Governo. Entendo que o sistema esportivo nacional pode fazer menção à prática do esporte no âmbito escolar, mas também deve deixar explícito que a responsabilidade pelo seu desenvolvimento é dos órgãos municipais, estaduais e federais de educação.

Queria relembrar aqui — já que estamos falando em princípios — os princípios que foram aprovados pela I Conferência Nacional do Esporte, em 2004, que devem orientar a construção do Sistema Nacional do Esporte. O primeiro princípio é o projeto histórico de sociedade comprometido com a reversão do quadro



de injustiça, exclusão e vulnerabilidade social a qual se submete grande parcela da nossa sociedade. Quer dizer é um princípio para orientar a construção.

O segundo princípio: o reconhecimento do esporte e do lazer como direitos sociais.

O terceiro princípio: a inclusão social compreendida como a garantia do acesso aos direitos sociais de esporte e lazer a todos os segmentos sem nenhuma forma de discriminação, ou seja, de classe, etnia, religião, gênero, nível socioeconômico.

Quarto princípio: a gestão democrática e participativa, com ênfase na transparência no gerenciamento dos recursos.

Queria, para finalizar, lembrar que, na verdade, nós estamos tratando de três fenômenos com características muito distintas que operam com códigos muito distintos, são orientados por códigos muito distintos. Se fosse sumarizar eu diria: o esporte de alto rendimento que é orientado pelo Código mais Medalhas, o Esporte para Todos que é orientado pelos códigos mais saúde, mais diversão, mais qualidade de vida e o esporte escolar deveria ser orientado pelo Código mais Educação.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evandro Roman) - Nossos agradecimentos ao Prof. Dr. Valter Bracht.

Finalizadas as apresentações, agora vamos abrir os espaços.

Como é uma atividade da Subcomissão de Esporte que vai discutir o Plano Nacional de Desporto, a prioridade sempre é dos Deputados.

Eu acho que o Deputado João Derly é o único presente aqui, mas abre mão e vai falar na sequência.

Mas também queremos registrar a presença, porque esteve aqui, do Deputado Goulart, de São Paulo, um grande amigo, nosso colega de partido.

Dando sequência então à lista, concedo a palavra à Sra. Carolina Ribeiro Galvão Diniz, Consultora Legislativa da Câmara dos Deputados.

A SRA. CAROLINA RIBEIRO GALVÃO DINIZ - Boa tarde. Gostaria de parabenizar todos os palestrantes, as apresentações foram, sem dúvida, excelentes, objetivas, críticas. Com certeza, além de serem muito esclarecedoras, com muita



informação para o trabalho que a gente está fazendo aqui na Câmara dos Deputados discutindo sobre esse tema, me trouxe muitas dúvidas assim em relação as três apresentações.

Em primeiro lugar, Prof. Gonzalo, o senhor falou que, no sistema educacional, no esporte escolar americano a gente tem aquele mito de que é financiado pelas escolas, muitas escolas públicas, na verdade há muita participação dos voluntariados, das famílias no desenvolvimento do esporte escolar.

Eu gostaria de tirar a seguinte dúvida: não existe nenhum tipo de patrocínio para o esporte escolar? Uma vez eu li que a estrutura das vigas escolares, as formas da competição, os estádios, a cobrança de ingresso, fez-me imaginar que haveria uma parte de financiamento desse esporte escolar por parte do público, principalmente também na questão do esporte universitário. A gente vê que o esporte universitário, como o senhor falou, ele é financiado pelas televisões, muitas universidades têm as televisões das universidades. Então eu imagino que, sim, o público financia esse esporte.

O americano que, em vez de estar praticando o esporte, faz o esporte recreação por meio de espectador, de torcedor.

Então queria que o senhor, por favor, me informasse se realmente existe este patrocínio, este dinheiro privado de empresas no esporte escolar, no esporte universitário, além do dinheiro da televisão.

Gostaria de saber no esquema de Quebec, no Canadá, que é que financia os colégios esportivos. Porque quando o senhor falou do colégio esportivo deu-me a impressão de uma preocupação com a pós-carreira daqueles atletas. Muitos atletas abandonam a educação por causa dos treinamentos porque ali talvez fosse uma tentativa de política para contribuir para a educação e formação até no pós-carreira. Quem financia esses colégios esportivos?

O senhor falou também do esporte profissional. Aqui no Brasil a gente tem a Lei nº 9.615, a Lei Pelé, uma lei federal, que classifica o que é o esporte profissional: aquele cujo atleta profissional é remunerado por meio de um contrato de trabalho.

Isso é muito importante na definição para a gente porque a nossa Constituição define que a gente vai dar um tratamento diferenciado para os esportes



profissional e não-profissional. A gente já chegou a ter em lei definição, conceito de esporte semiprofissional.

Então, eu fiquei curiosa para saber como que nos Estados Unidos o senhor entende esse esporte profissional. Na Alemanha, também, Prof. Valter, existe até uma diferença, porque eu fiquei impressionada com aquela atleta, aquela ginasta americana, de ter hipotecada sua casa. Veja bem: aquilo é um esporte de altíssimo rendimento e imaginei que ela estivesse sendo altamente patrocinada. Aquilo ali quase que chega a um esporte profissional. Não é um espetáculo, não gera renda, não é assim um espetáculo que você vende ingresso para um ginásio, como o basquetebol, como o hóquei.

Como é que é vista essa questão do esporte profissional na Alemanha e nos Estados Unidos?

Com certeza eu tinha mais perguntas. Mas com o microfone eu fico assim...
(Risos.)

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evandro Roman) - Eu é que agradeço.

Como há doze inscritos vou fazer em dois blocos de seis perguntas e daí, depois, nós passamos em torno de 5 minutos para cada expositor se posicionar em relação às perguntas.

O próximo expositor, Paulo Sabioni, de Valinhos.

O SR. PAULO SABIONI - Boa tarde a todos. Sou Vice-Presidente da ONED, Secretário de Esporte em Valinhos.

Eu queria fazer uma colocação, tendo ouvido os posicionamentos. Aqui no Brasil nós temos um apoio direto ao atleta — primeiro vou falar sobre o esporte de rendimento, depois eu vou falar como gestor — que é o Bolsa-Atleta, que investe 85% dos valores nos esportes olímpicos e 15% nos esportes não-olímpicos.

Eu acredito que não deu tempo de o Prof. Antônio Carlos Gomes chegar à parte do apoio governamental ou não do atleta, mas o Prof. Bravo colocou que no Canadá, salvo engano o nome da lei era o Pódio, tem apoio direto ao atleta sem passar por federações, direto ao atleta, semelhante ao nosso. E o Prof. Valter não colocou nada sobre a Alemanha.



Eu queria saber se isso ocorre também na Rússia, como na Alemanha, na Inglaterra o Prof. Bravo não colocou, nos Estados Unidos já deixou claro que não. Eu queria saber se tem esse tipo de apoio.

Enquanto gestor, eu queria saber dos três palestrantes se há na Rússia ou na Inglaterra, ou nos Estados Unidos — neste país o professor foi claro e disse que não —, no Canadá deu a entender que tem uma previsão mínima orçamentária para o esporte dentro dos Municípios por lei.

No Brasil, nós temos o mínimo que o gestor municipal é obrigado a investir em educação, o mínimo que é obrigado em saúde, sob pena de responsabilidade. Porém, no esporte não tem esse mínimo, que é uma grande batalha de todos nós da área esportiva de, no mínimo, 1% do Orçamento municipal ser destinado ao esporte.

Eu queria saber se há algum tipo dessa vinculação em um desses sistemas que foram expostos aqui.

Quero parabenizar a todos os senhores e realçar o prazer de estar novamente com o Prof. Antônio Carlos Gomes, amigo de longa data.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evandro Roman) - Obrigado, Sr. Paulo Sabioni, Secretário de Esportes de Valinhos.

Agora, com a palavra, o Sr. Matheus da Costa, da Universidade Federal de Santa Catarina.

O SR. MATHEUS DA COSTA - Primeiramente, boa tarde a todos. Gostaria de agradecer à ANAF — Associação Nacional dos Árbitros de Futebol por ter feito o convite para que eu viesse de Florianópolis até aqui.

Gostaria de explicar um pouco o motivo de eu estar aqui. Eu sou pesquisador do chamado Projeto Risca um Risco que trabalha dentro da Universidade Federal de Santa Catarina, com extensão do esporte através da contenção de riscos para a saúde e para o uso de drogas dentro da universidade.

Nesse sentido, eu gostaria de parabenizar o Prof. Valter. As nossas pesquisas têm ido ao sentido do que ele falou, o de que o esporte de alto rendimento não é a melhor maneira de combater o uso abusivo de drogas, a nossa medida inicial, mas eu gostaria de falar algumas coisas sobre a Saúde.

Nós entendemos que o esporte tem que ser visto como um programa de saúde. Inclusive, ontem, foi divulgado que menos de 50% dos brasileiros praticam



alguma atividade esportiva, e dentre as mulheres esse número cai para um quarto. Nós descobrimos que a faixa etária em que diminuem drasticamente as atividades desportivas é entre 18 e 25 anos e que os jovens dentro da universidade têm os piores índices de saúde dentro das faixas etárias, caso da Universidade Federal de Santa Catarina. Tendo em vista que o Governo Federal tem feito um investimento maciço no esporte de alto rendimento, as iniciativas estudantis têm cumprido com esse esporte recreativo, como as associações atléticas e os projetos dentro de coletivos.

Então, nós estamos tentando falar com alguns Deputados justamente sobre a importância dessas iniciativas dentro do esporte nacional e como uma política de saúde. Então, a minha pergunta, na verdade, é como as práticas desportivas precisam ser vistas dentro da conjuntura nacional do esporte, mas levando em consideração essa dificuldade de verbas que nós temos dentro das iniciativas estudantis. Seria esse o meu questionamento, principalmente, se o Prof. Walter pudesse fazer uma explanação nesse sentido. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evandro Roman) - Obrigado, Matheus. Agora, com a palavra Fernando Mezzadri, da Universidade Federal do Paraná. Fernando, meu grande amigo de mestrado e doutorado, juntamente com Fernando Mascarenhas que está na UnB, nos anos 90 lá na Unicamp, no século passado. *(Risos.)*

O SR. FERNANDO MEZZADRI - Boa tarde a todos, boa tarde a todas, inicialmente eu gostaria de parabenizar o Deputado e amigo Evandro pela iniciativa de fazer esse seminário, em conjunto com o Ministério do Esporte. Gostaria de parabenizar os três professores da mesa — o Prof. Gonçalo, Prof. Antônio Carlos, Prof. Valter — pelas brilhantes exposições. Nós ficamos muito contentes não só com a realização do evento, como também pelo alto nível do debate que se estabeleceu hoje pela manhã e que está estabelecendo-se agora à tarde.

A minha questão é para os três professores. O Prof. Gonçalo falou e até usou o eslaide de um texto do Peter Donnelly, que afirma que quanto maior o investimento no esporte de alto rendimento, menor é a participação da sociedade canadense na prática esportiva. O Sr. Peter Donnelly tem uma ampla discussão sobre a política pública canadense, uma das maiores referências.



O Prof. Antônio Carlos embora tenha falado sobre as diversas dimensões esportivas na Rússia, ao dar o exemplo, aparentemente — foi o meu entendimento — estabeleceu-se um modelo piramidal. O esporte começa na escola, o nível de treinamento aumenta e estabelece cada vez mais a especialização do esporte.

O Prof. Walter, na mesma direção, falou que há muito tempo — é até um discurso do Governo — que o esporte deveria ser para todos, esporte participação, esporte para o desenvolvimento da sociedade, mas hoje há uma guinada aparente de volta ao esporte de alto rendimento. Embora o Prof. Walter tenha ao final da sua exposição falado sobre algumas possibilidades sobre a questão do sistema, a minha pergunta é como o sistema pode garantir o fortalecimento do esporte como o desenvolvimento de uma cultura esportiva em nossa sociedade, a universalização do esporte não só para o esporte de alto rendimento.

Pela experiência de vocês, como é que um sistema que nós estamos buscando desenvolver pode contribuir para essa garantia, para que nós não venhamos a canalizar um modelo piramidal, para que nós venhamos sim fortalecer a universalização do esporte para toda a sociedade brasileira e construir a partir dessa universalização uma cultura esportiva, ou como no caso da Alemanha, a nação esportiva.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evandro Roman) - Prof. Fernando Mezzadri, obrigado.

Eu queria registrar aqui a presença do Deputado Edinho Bez, de Santa Catarina. Muito obrigado. V.Exa. está sempre presente nas ações do esporte.

Próximo orador, Sr. Carlos Eduardo Santos, do Ministério da Defesa.

O SR. CARLOS EDUARDO SANTOS - Boa tarde a todos. Eu sou o Coronel Carlos Eduardo Ilha dos Santos. Sou Gerente Executivo do Departamento de Desporto Militar, Comissão Desportiva Militar do Brasil. Este ano estamos trabalhando na consecução do 6º Jogos Mundiais Militares com a participação de muitos atletas de alto rendimento. Nós temos também no nosso escopo a parte do desporto escolar, assistência social, trabalhando em conjunto com o Ministério do Esporte. Trabalhamos por intermédio junto ao Segundo Tempo.

A minha pergunta é simples aos três palestrantes a quem parabeno pela excelente apresentação. Onde o segmento militar contribuiu ou contribui nesses



sistemas que foram apresentados tanto na Rússia quanto nos Estados Unidos? Eu observei em uma apresentação ali dos Estados Unidos que as forças armadas têm uma ligação junto ao Comitê Olímpico. Sei que na Rússia nós temos uma participação muito forte. Não sei se atualmente essa participação continua. Na Alemanha há alguma parte e onde o segmento militar pode contribuir no nosso Sistema Nacional de Esporte por intermédio das nossas instalações esportivas, por intermédio dos nossos profissionais capacitados, por intermédio do grupo de profissionais. Nós temos capilaridade como falaram hoje de manhã e à tarde. Como podemos contribuir com o Sistema Nacional de Esporte? Essa é a minha pergunta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evandro Roman) - Obrigado, Sr. Carlos.

Fechando esse primeiro bloco, Cássia Damiani. Já vamos às respostas.

A SRA. CÁSSIA DAMIANI - Obrigada, Deputado. Gostaria de cumprimentar os companheiros da mesa, Prof. Valter, Antônio Carlos, Gonçalo, pela brilhante exposição. Quero dizer mais uma vez — não quero ser repetitiva — que nós cumprimos o objetivo dessa sessão do nosso seminário conjunto com a Câmara. Como Presidente desse grupo de trabalho que vai elaborar um projeto de lei e depois discutir de forma intersetorial com outros segmentos do Governo, como a representação da mesa hoje de amanhã. Antes de apresentar a Presidente o nosso projeto de lei, sinto-me na obrigação de informar aos nossos ouvintes aqui que participam do GT e também para as pessoas que nos assistem por meio da transmissão da *TV Câmara* que nesse projeto que estamos elaborando bebemos na fonte de sistemas internacionais, não porque não temos um norte, não porque não temos um acúmulo. Muito pelo contrário, nós queremos fazer com base em segurança, na aprendizagem de diferentes metodologias e abordagens ou modelos que ora são sistêmicos, ora não são sistêmicos. Isso é extremamente importante.

Nós tivemos três conferências do esporte. Uma em 2004, bem lembrada aqui pelo Prof. Walter, que aprovou a resolução de criação do Sistema Nacional do Esporte. A segunda conferência em 2006, que versou exclusivamente sobre o Sistema Nacional de Esporte e Lazer, que determina a forma de organização, quem participa, a estrutura, muito diferente da estrutura hermética que hoje se encontra no Sistema Brasileiro do Desporto e o Sistema Nacional do Desporto, da Lei Pelé, que



não comporta a forma organizativa, os sujeitos atuais que corroboram de forma real e, vamos dizer assim, muito mais abrangente do que a lei prevê.

Essa estrutura não determina níveis de atendimento, serviços e um grau de organicidade que dê, inclusive, espaço para participação social ou controle, além de não garantir a descentralização da forma da gestão desse sistema, muito menos no âmbito do financiamento.

Ela também não regra claramente uma política de financiamento para o esporte que garanta a possibilidade de sua prática para todos ou para a vida toda, conforme estabelece esse conjunto de princípios que o Prof. Valter colocou aqui. Além disso, não regula a formação de recursos humanos e a forma como eles vão se organizar distributivamente dentro do sistema. Então, essa segunda conferência debateu isso.

E a terceira conferência tratou da questão do plano decenal, porque, como nós dissemos aqui de manhã, não há como estabelecer as diretrizes e bases do Sistema Nacional do Esporte sem pensar qual é o plano que vai regular isso de forma a cumprir as metas em 10 anos, plano esse que deverá, inclusive, ser reavaliado e aprovado em conferências, por um fórum específico.

Ela tratou ainda da necessidade de criação de um fundo para garantir esse leque e essa abertura do sistema que estamos propondo, a fim de não se sobrecarregar um Município sem que seja possível dar condições a ele para tratar do esporte e do lazer.

As conclusões dessas três conferências estão sendo agora devolvidas à sociedade para serem pensadas exatamente da forma como foram aprovadas. Então, nós estamos respeitando esses princípios. Por isso, estamos debatendo.

Nós não podemos deixar de pensar que a realidade objetiva mostra — inclusive cientificamente, com esse Diagnóstico Nacional do Esporte, que ontem entregamos — quais são as grandes fissuras do sistema, quais são os fossos. Aqui fica claro que as desigualdades regionais e a diferença entre aqueles que têm mais acesso ao esporte e aqueles que não têm estão objetivamente relacionadas ao nível de escolarização e à classe social a que pertencem. Então, temos como base um diagnóstico científico, junto com as resoluções, que representam as vontades das conferências, as vontades populares.



E agora nós estamos buscando nos organizar em cima de um novo conceito de esporte, que não é aquele conceito todo fragmentado que está posto na Lei Pelé, em manifestações atomizadas de esporte educacional, que não é explicado, esporte de alto rendimento, que tem uma forma de organicidade, e esporte de participação. Então, nós queremos rever isso.

Também é obrigação minha, como Presidente deste Grupo de Trabalho, lembrar que nós queremos definir os níveis de atendimento, ou seja, quais são claramente os serviços que a União, os Estados e os Municípios vão assumir, para não haver sobreposição.

Por último, quero dizer basicamente que nós temos aqui a responsabilidade e o compromisso de fazer o debate de forma intersetorial, não atribuindo a outras áreas o que é específico do esporte, porém também não confundindo o esporte com uma parafernália para a resolução dos problemas sociais.

O esporte não é saúde, cultura ou educação. O esporte encerra em si mesmo uma qualidade única de desenvolvimento e formação omnilateral, além de ser direito — inclusive, fundamental — de cidadania. Ele ajuda, contribui com outras coisas.

E a pergunta que eu deixo aqui nesta mesa para todos é: qual é mesmo o papel da escola na formação esportiva dentro de um sistema, até em outros países, no que diz respeito ao Sistema Nacional do Esporte que estamos forjando? Nós não podemos entrar nesse debate dizendo que a escola é um lugar imaculado, em que não se pode trabalhar com o esporte, que é uma das formas mais desenvolvidas da cultura corporal.

Porém, também não podemos achar que a escola é a base da formação do esporte de alto rendimento. Essa é a opinião que nós estamos construindo dentro do grupo. Mas fica para o debate essa questão, que eu acho que é candente para a definição do conceito de esporte no Brasil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evandro Roman) - Cássia, obrigado pelas suas considerações.

Agora, passo a palavra ao Prof. Gonzalo, que, em 5 minutos, tentará sintetizar as respostas às perguntas feitas.

O SR. GONZALO BRAVO - (*Exposição em espanhol.*)



O SR. PRESIDENTE (Deputado Evandro Roman) - Dr. Gonzalo, obrigado por suas considerações.

Tem a palavra o Prof. Antônio Carlos Gomes por 5 minutos.

O SR. ANTÔNIO CARLOS GOMES - Eu vou responder a duas perguntas. Além disso, eu gostaria de fazer uma contextualização.

Primeiro — falo aqui como treinador, como alguém que está ali todo dia, vivenciando a prática, fazendo a coisa, andando por esse mundo todo —, eu tenho percebido o seguinte: quando nós falamos em conceito de esporte, estamos usando essa palavra muito facilmente. Acho que nós não estamos sabendo direito o que é isso, o que é o esporte.

Fazendo só uma reflexão, qual é o conceito de esporte? São várias as instituições no País que lidam com o *métier* do esporte. Em cada lugar a que vou, eu vejo um pensamento e diretrizes diferentes. Se me sento na academia com os pesquisadores, o conceito de esporte tem um caminho. Se me sento na escola pública, o conceito de esporte tem outro caminho. Se venho para uma plenária, começo a escutar argumentos no sentido de que ele é perigoso — daqui a pouco, se a pessoa não tiver cuidado, o esporte de rendimento vai ser o crime da sociedade.

Nós estamos falando de manifestações do esporte. O que é isso? Não existe um Cristo; existem, às vezes, preferências da sociedade — eu nem estou discutindo se isso está certo ou errado neste momento.

Então, vejam bem, a minha vinda é no sentido de colocar ideias, nesta oportunidade que está sendo dada, para nós e a Comissão pensarmos nisso com mais calma. Eu acho que nós precisamos unificar um pouco os discursos sobre o fomento do negócio.

Parece-me que aqui há um pensamento bacana — as discussões vão ser diferentes, obviamente, o que é bacana —, mas outros segmentos pelo País pensam no esporte como algo completamente diferente do que nós estamos discutindo aqui, porque nós não temos um conceito: a universidade vai para um caminho, a prática vai para outro, o Ministério está tentando juntar essas ideias, vocês estão promovendo uma discussão, que é salutar.



Então, eu percebo que nós precisamos pensar o que é o esporte, o que são essas diversas manifestações do esporte, senão, nós vamos falar em duas sempre: esporte na escola e alto rendimento.

Então, eu acho que escutar esses modelos internacionais nos dá um amadurecimento sobre esse assunto. Eu estou prestando muita atenção na experiência aqui na América e lá fora.

Em primeiro lugar, eu acho que tem que ser muito bem discutido o conceito do esporte, para que cada manifestação do esporte realmente possa ser discutida com qualidade sem denegrir nenhuma delas. Só pegando uma fala até com a liberdade que nós temos com o professor Valter, é perigoso nós colocamos a discussão no valor do rendimento, por exemplo, pelo anabolizante, porque isso é um problema cultural que está em todas as manifestações da sociedade inclusive no esporte. Eu tenho militado no meio do esporte *fitness* para cima e para baixo nos eventos e nos cursos. O maior consumo de droga neste País, quando se fala na nossa cultura de atividade física, está na academia de ginastica, onde as pessoas estão escolhendo isso para ficarem bonitas. No esporte as pessoas usam, fazem parte da sociedade e erram também. Eu fiz esporte de alto rendimento limpo a vida toda. Sou um treinador de uma série de atletas olímpicos limpo. É possível fazer isso. Então, nós não podemos colocar um peso muito grande no esporte de alto rendimento, porque complica...

Por outro lado, o esporte de alto rendimento não pode ser o pedestal de uma sociedade em que as pessoas a cada dia estão ficando mais obesas, em que as crianças não têm cultura de praticar exercício.

Então, como é que eu entendo, professor, a questão da formação esportiva na escola? Eu não entendo nem por esse lado de formação esportiva. Eu acho que a escola é um local onde a disciplina de educação física tem que desenvolver o gosto pelo esporte, dar os princípios e mostrar o caminho. Eu acho que a escola não é um local de oportunização. Eu não falaria de esporte, eu falaria de atividades esportivas na escola. Eu sumiria essas competições que dão medalhas para os três primeiros colocados, criaria uma competição de massa, mudaria isso tudo. Eu acho que levar as crianças na escola a praticar esporte no nível que nós raciocinamos, com regras e competições, está completamente fora de tudo que nós temos



estudado no desenvolvimento psicomotor e etc. Então, a escola, para mim, é um local de dar oportunidade, de oportunizar o que eu chamo de atividades esportivas e não o esporte regulamentado, o esporte com regras.

Por outro lado, a utilização da estrutura... Eu falo em conceito, porque as universidades do Brasil inteiro fecham as portas sexta-feira à tarde. A universidade é um local espetacular. É preciso fomentar a sociedade a usar, por exemplo, as estruturas das universidades federais, as estruturas militares. Então, essa contextualização, essa união desses setores todos eu acho que precisa ser bastante discutida, senão nós vamos continuar fazendo um papel com uma política escrita e com uma prática sem essa ideia.

Perguntaram-me sobre o financiamento do esporte na Rússia. O Estado tem total preocupação com isso, o financiamento do esporte é feito pelo Estado. Hoje, isso está mudando um pouco com a entrada das grandes empresas. Estão sendo criadas leis relacionadas a alguns impostos. Existem critérios regionais. As crianças e jovens que se destacam no esporte vão morar em centros financiados pelo Estado, que fornecem alimentação e estudo. Esses centros são completos. O Estado inclusive ajuda a família a conduzir os jovens de 15, 16 e 17 anos que se destacam no esporte. Então, há um peso muito forte do Estado, que está na previsão orçamentária.

A outra questão do professor Mezzadri eu mostrei ali, eu andei com a cultura física, nós começamos a abrir as manifestações, eu fiquei só no esporte. Então, no esporte deles, há um segmento, é “oportunização”, é desenvolvimento, é aperfeiçoamento. “Oportunização” a todos. A partir daí, quem vai para o esporte de mais rendimento, segue aí, quem não vai, segue as outras manifestações esportivas, é que não deu tempo de eu terminar de colocar. Mas ainda eles têm uma tradição um pouco mais piramidal, você tem razão, ainda têm. Eu tenho visto nas discussões deles que eles estão preocupados com isso aí, com essa mudança.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evandro Roman) - Concluindo, Professor.

O SR. ANTÔNIO CARLOS GOMES - Então, concluindo, a chamada que nós deixamos aí é essa: clarear esse conceito, e esse conceito está desde a formação, porque nós mudamos isso há muitos anos, eu venho acompanhando isso. Nós modificamos, a universidade criou os cursos mais voltados para a escola,



especializou, e nada mudou no mercado, o mercado não mudou nada, continua do mesmo jeito, aliás, mudou porque diminuimos a prática, principalmente na infância. Então, eu acho que isso tudo tem que ser “amarrado” numa discussão como essa, para nós não nos perdermos aí ao escrever o documento do novo sistema.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evandro Roman) - Obrigado, Prof. Antônio Carlos Gomes. Prof. Valter Bracht, 5 minutos para as suas considerações.

O SR. VALTER BRACHT - Exercitar o poder de síntese. Seguramente vão ficar lacunas, mas faz parte. Um comentário rápido para a observação da Carolina. Eu acho que esse par conceitual, esporte profissional e esporte amador, está perdendo, paulatinamente, a sua capacidade de expressar o que acontece. Então, ele vai perder. Até porque se nós remontarmos ao surgimento dessa expressão, vamos ver que foi uma criação aristocrática. Em 1896 se definiu que amador é aquele que trabalha, o trabalhador era amador, por isso que ele não podia participar dos Jogos Olímpicos, inclusive. O Comitê Olímpico, os primeiros comitês olímpicos eram formados por duques, condes, etc., era a aristocracia. Então, eles definiram que amador era o cara que trabalha, aliás, o amador era aquele que não precisa trabalhar, perdão, o contrário, é aquele que pode praticar esporte pelo simples prazer de praticar, e não como profissão. Então, os trabalhadores tinham que ser profissionais, por isso eles eram excluídos dos Jogos Olímpicos.

Isso está se perdendo. Na verdade o que se tem hoje é o esporte de alto rendimento, que produz uma mercadoria, que é o espetáculo, e todo mundo recebe remuneração, maior ou menor. Porque ninguém consegue realizar alta performance se não se dedicar integralmente a isso. Para se dedicar integralmente, ele precisa de algum tipo de suporte. Por isso que na Alemanha também, os atletas de alto rendimento, mesmo os das chamadas modalidades amadoras, recebem subsídio, inclusive público. A Alemanha instituiu as chamadas escolas de elite — *Eliteschulen* — para onde vão as crianças com altos talentos, onde vão receber apoio, bolsas de estudo etc., e depois elas são deslocadas para os centros de treinamento, que são mantidos pelo Ministério do Interior, subsidiados pelo Ministério do Interior. Então, tem essa estrutura.

Na verdade, eu acho que esse par de categorias, amador e profissional, não ajuda muito hoje. Com isso, acho que respondi também à pergunta do Paulo, esse



apoio público, na formação e na manutenção do atleta, principalmente dos atletas olímpicos, que é o que interessa neste caso.

Sobre a questão da saúde, tenho uma posição parecida com o que a Cássia já expressou aqui: eu acho que pensar no esporte praticado pela população e instrumentalizar objetivamente isso para um determinado objetivo do tipo saúde etc., não me parece interessante. Mesmo porque o fenômeno da saúde é um fenômeno extremamente complexo, que não vai ser resolvido... A ideia atividade física é igual à saúde, no meu entendimento, é uma noção extremamente problemática, na verdade, porque a saúde tem uma série de componentes e elementos.

Nós vimos, por exemplo, hoje, pela manhã, pessoas de diferentes ministérios colocando como ações colaboram para a qualidade de vida e para a saúde da população num sentido mais amplo. E aí eu estou já entrando na pergunta seguinte. Na verdade, eu entendo, eu acho que essa é a pergunta objetiva, entendo a política esportiva como uma política no campo do lazer. Esse espaço, esse mundo do não-trabalho, que envolve as pessoas e que, vamos dizer assim, tem cada vez mais importância na vida das pessoas para a construção da qualidade de vida das pessoas.

Entrando um pouco na questão que mereceria horas de debate, que o Fernando colocou, e primeiro fazer a seguinte colocação: nós temos que tomar cuidado quando pegamos esses dados do índice de prática desportiva da população, nós temos que tomar cuidado para não achar que 100% da população tem que praticar esporte. A prática de esporte tem que ser uma opção das pessoas. E o sujeito pode fazer opção de não praticar esporte, senão daqui a pouco nós vamos apontar na rua: "Olha, aquele cara lá não pratica esporte, que feio que ele é, irresponsável, etc." Como estão apontando, por exemplo, para os sujeitos que têm sobrepeso, ou que têm outras características. Então, eu acho que tem que continuar sendo uma opção da população. É claro que a não-prática do esporte não pode se dar, por exemplo, pelo fato de ele não ter acesso a essa prática. Aí, não. Tem que haver a possibilidade para isso, mas não vamos colocar aí como exigência de que todo mundo tem que sair com o tênis, de manhã, 5h da manhã, correndo.

Então, o desafio é ampliar, vamos dizer assim, as possibilidades de práticas esportivas, e outras práticas corporais, que são próximas ao esporte. E aí são



fundamentais as chamadas políticas intersetoriais. Na Europa se diz que o esporte é uma prática de classe média. Então, nos países em que se tem uma grande classe média há um engajamento maior em práticas esportivas. Então, veja só, a forma mais eficaz de se ampliar a prática esportiva no Brasil é se ampliar a classe média, em última instância. E isso não depende só de uma política esportiva, depende de uma série de outras políticas, que foram colocadas inclusive hoje aqui, pela manhã: a melhoria do sistema de saúde, o problema de assistência social, o pleno emprego ou o emprego etc., etc., é uma série de elementos, a diminuição da desigualdade social é fundamental para aumentar o índice de prática esportiva por parte da população.

Não podemos nos esquecer também que existe um fenômeno novo que é o oferecimento privado de prática esportiva, ou seja, o tradicional associacionismo está em decadência. O quê está substituindo o associacionismo em termos de oferecimento das possibilidades de prática? A iniciativa privada. Mas para alugar uma “canha” de esporte, junto com a churrasqueira privada, isso tem um custo. Então, tem essa questão também do acesso. Aí entra o papel, no meu entendimento, do poder público. Então, o poder público precisa... Então, a ação do Estado tem que ser na direção da equidade, no meu entendimento. É isso que vai permitir ampliar e combinar com essa intersetorialidade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evandro Roman) - Concluindo, Professor.

O SR. VALTER BRACHT - Concluindo, então, eu acho que os militares podem contribuir oferecendo os espaços que têm para o acesso ao público, rapidamente, assim.

Qual é o papel da escola nisso? Não dá para deixar de comentar, já que é o meu *métier*. Eu diria que o que a escola pode fazer é uma grande alfabetização esportiva. Alfabetização esportiva significa o quê? Dar possibilidade de aprendizagem de uma gama enorme de práticas corporais, que fazem parte da nossa cultura corporal de movimento. Mas não é só o acesso no sentido da prática, é no sentido também de compreender esse fenômeno, de entender o que esse fenômeno pode significar na vida dele, inclusive precisa ser educado numa perspectiva crítica de receber, por exemplo, a informação que o Prof. Gonçalo trouxe aqui, de que apenas 1% das pessoas que praticam esporte inicialmente na escola



vão se tornar profissionais, para não criar a ilusão nos nossos escolares de que todos eles vão ganhar tanto dinheiro quanto o Neymar. Isso faz parte também da alfabetização esportiva, eles compreenderem isso. Por isso que a educação física escolar é tão importante para um esporte efetivamente cidadão no nosso País.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evandro Roman) - Obrigado, Professor.

Temos aqui três perguntas pela participação *on line* e por meio do portal *e-democracia*. A primeira para o Prof. Antônio Carlos Gomes, encaminhada pela CBAT, que diz: “Gostaria de saber a opinião do Prof. Antônio Carlos, sobre como trabalhar com a descoberta de talentos e o seu desenvolvimento.”

O Prof. Agnaldo Luiz Baldo, de Maringá, diz: *“Qual a distribuição de responsabilidades, neste País, do gerenciamento dos sistemas esportivos, pois, no nosso caso, não temos claro qual é o papel da União, dos Estados e dos Municípios na condução das políticas públicas esportivas”*.

Jorgius Gregório diz o seguinte: *“Qual o problema do sistema piramidal? Ele é utilizado em todo o mundo. Se temos uma grande base de praticantes de esporte, seja de lazer, seja de educação, qual o problema de se estimular o desenvolvimento do talento esportivo para o esporte de alto rendimento?”*

Eu deixo em aberto esses questionamentos e vou abrir o último bloco com as seis perguntas que temos aqui.

Passo a palavra agora a Hugo Rocha, da Federal do Rio de Janeiro.

O SR. HUGO ROCHA - Boa tarde mais uma vez.

Em primeiro lugar, gostaria de parabenizar a todos pela exposição e agradecer pela oportunidade de ter mais uma fala.

Quando nos referimos ao sistema, entendemos como a entrada no sistema, o acesso ao esporte, e, claro, o desdobramento, o acesso ao esporte de rendimento, ao esporte de lazer, e por aí vai. Eu vou focar no esporte de alto rendimento e na questão mais importante, pelo menos para mim e para o grupo de pesquisa que vem trabalhando com a escolarização de jovens atletas, que é, justamente, a concorrência entre o tempo da escola e o tempo do esporte.

Trago um exemplo basal: no ano passado, o Ministério da Educação marcou o ENEM no mesmo período de uma competição estudantil que era fundamental para



os atletas que recebiam apoio do Programa Bolsa Atleta. Isso fez com que os atletas tivessem que escolher entre fazer o ENEM ou ir para a competição esportiva.

Dentro dessa configuração do Estado nacional, em que o Ministério do Esporte propõe o Sistema Nacional do Esporte e o Ministério da Educação tem que fazer, até o ano que vem, o Sistema Nacional de Educação — o Prof. Valter e o Prof. Gonzalo já fizeram uma breve exposição sobre o Canadá e a Alemanha — eu gostaria que o Prof. Antônio Carlos falasse um pouco mais sobre a Rússia. Se possível, queria saber da Profa. Cássia Damiani também, se ela puder, dentro dessa configuração atual, quais são as propostas de acompanhamento e responsabilização das instituições, tanto escolares quanto esportivas, no tratamento e na garantia dos direitos sociais de acesso à educação e de acesso ao esporte do jovem atleta.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evandro Roman) - Obrigado, Hugo.

Na sequência, passo a palavra a André João, da União Nacional dos Estudantes — UNE.

O SR. ANDRÉ JOÃO - Boa tarde a todos.

Meu nome é André, sou Vice-Presidente da União Nacional dos Estudantes — UNE do Distrito Federal.

Eu tenho outra visão da formação de atletas, do esporte. Eu acho que, no Brasil, temos uma cultura muito ruim, que é essa cultura clubista. É muito importante mudarmos isso. Deveríamos pensar na formulação de uma cultura maior nessa questão, pelo menos de iniciação dos atletas, que nem o professor falou, nas escolas.

Defendo muito os clubes, que cumprem um papel muito importante, mas as escolas cumprem um papel ainda mais importante, inclusive nessa formação psicológica, para explicar aos estudantes que o esporte está muito além da competição. Como o colega do Rio disse, hoje nós não vemos isso.

Eu também já joguei bola, pratiquei *futsal*. Tinha que escolher entre fazer prova ou participar de uma competição. Isso é muito ruim. Se pensamos um país que visa mais medalhas olímpicas e tal, lá na frente é importante termos uma grande formação de atletas também na base, que nem acontece no futebol. Nós temos hoje



grandes atletas no futebol, apesar de a Seleção Brasileira não viver uma fase muito boa. Em períodos anteriores havia grandes jogadores de futebol porque muitas pessoas praticavam esse esporte. Então, eu acho muito importante nós termos essa visão maior.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evandro Roman) - Conclua a pergunta, por favor.

O SR. ANDRÉ JOÃO - Só para fechar, eu trago uma questão que parece não ter muito a ver, mas está relacionada ao tema, que é a Universidade. Todo o mundo me pergunta na Universidade de Brasília se vai haver, realmente, a Universidade em 2019. Qual vai ser a posição da Comissão do Esporte? Trata-se de algo muito importante, inclusive pelo projeto da Universidade, que prevê a estrutura em todas as universidades. Então, queríamos saber se há algum posicionamento, até para falarmos às universidades de todo o Brasil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evandro Roman) - Obrigado.

Vamos ser um pouco mais objetivos nas perguntas, porque não é justo dar 5 minutos, para as respostas, aos convidados.

Passo a palavra à Sra. Andréa Ewerton, do Ministério do Esporte.

A SRA. ANDRÉA EWERTON - Boa tarde a todos e a todas.

Depois de 19 anos de gestão, apesar da cara de 15, é muito emocionante participar deste seminário. Só não vou chorar porque ensaiei não chorar, mas, realmente, é muito importante isto que estamos vivendo aqui.

Queria que os nossos palestrantes pudessem dar algumas contribuições ao grupo de trabalho. É importante dizer que, amanhã, nós teremos o debate de conceito. Permeou-se aqui o debate de conceito, mas é amanhã que se dará o debate sobre o assunto.

Acredito que faltam amadurecimento e acúmulo de conceito. Por ele ser plural e diverso, o tema precisa ser debatido, e o sistema precisa assumir um conjunto de conceitos. E faremos isso. Colocar o assunto na pauta de amanhã leva a essa perspectiva.

Queria dizer que já me sinto contemplada por todas as falas que apontaram uma lógica do conceito amplo, uma lógica que rompa a fragmentação, como a Profa. Cássia colocou, do educacional, da participação e do rendimento. Essa lógica vai



nos ajudar exatamente a superar esse extremo que se coloca aqui: ou se olha para o escolar, ou se olha para o rendimento e se escolhe qual é o céu e qual é o inferno. Então, é importante quebrar essa lógica exatamente por isso.

Gostaria da contribuição e da opinião dos palestrantes para entender, a partir do olhar desses outros sistemas para o nosso sistema, o conjunto de serviços, porque os serviços rompem a lógica da fragmentação dos conceitos. Nós queremos saber quais serviços são importantes de se contemplar dentro de um sistema. Queria ouvir a opinião de vocês a partir do estudo sobre os outros sistemas.

Pediria que refletissem sobre essa lógica do mercado e privilégio e do direito. Em qual desses sistemas vocês acham que está demarcado o esporte como um direito e se isso pode servir de exemplo para todos nós no sistema brasileiro.

Queria também que vocês destacassem como os outros sistemas tratam os programas nacionais. O exercício de programas nacionais é um exercício de intersetorialidade. Os programas nacionais podem ajudar o nosso sistema a efetivamente se apontar na perspectiva intersetorial e transversal.

Então, gostaria de ouvir a opinião de vocês sobre esses aspectos.

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evandro Roman) - Obrigado, Sra. Andréa.

Com a palavra agora Paula Korsaka, da Rede Esporte pela Mudança Social.

A SRA. PAULA KORSAKA - Obrigada.

Vou ser breve.

Além de concordar com o senhor que é um privilégio e uma grande responsabilidade que temos de viver este momento no Brasil, Prof. Gonzalo, recentemente eu tive a oportunidade de assistir a uma apresentação do Aspen Institute, baseado em Washington D.C., em que eles desenharam um plano de ação para construir um movimento de esporte para todos nos Estados Unidos a partir de uma iniciativa intersetorial. Em conversa, eles lamentaram justamente o fato de não terem um poder centralizado, de não terem um ministério do esporte que pudesse acelerar os processos e fazer a coisa andar de maneira mais ágil do que a que eles esperam e imaginam que seja em função de ser uma mobilização da sociedade civil.

Ao contrário de nós, eu contava o que nós estávamos vivendo aqui e dizia que era uma iniciativa do Ministério do Esporte, com representação de todos os



setores que compõem o esporte no Brasil, mas também havia dúvidas de quão legítima isso seria, porque é uma lei que demora anos para se tornar política efetivada.

Então, o senhor pode fazer uma análise comparativa desses dois caminhos, considerando a conjuntura esportiva e cultural dos Estados Unidos e do Brasil, e nos apontar talvez quais são os desafios, a partir desse mecanismo que nós estamos desencadeando pelo Ministério do Esporte, usando o mecanismo de lei para implantar um sistema e efetivar a política esportiva? Quais são os desafios que nós vamos provavelmente enfrentar por esse caminho?

Pensando na experiência do Canadá, que já vem de uma década, e olhando para as curvas que o Prof. Mezzadri comentou, em que se aumenta o número de medalhas e se diminui a participação esportiva, e, por outro lado, é um modelo que idealmente nos parece muito coerente, exatamente por querer aumentar a participação esportiva mais do que o rendimento — eles entendem que o rendimento esportivo é uma consequência —, nós podemos entender que essa curva dessa primeira década se deve ao fato de eles terem iniciado as transformações do sistema esportivo a partir das federações esportivas, implantando os programas de treinamento em longo prazo, para depois ampliar isso para uma visão de esporte para todos?

Se sim, o que aparece nessa segunda década de política esportiva canadense até 2022 como estratégias principais para modificar esse quadro, para que de fato você tenha como resultado esperado, o resultado final, o aumento do envolvimento da população canadense com o esporte?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evandro Roman) - Obrigado, Sra. Paula.

Com a palavra agora a Sra. Ana Moser, nosso eterno ídolo, como os ídolos do esporte Lars Graef, João Derly. Obrigado pela participação.

A SRA. ANA MOSER - Bom, fazendo até uma brincadeira aqui, um contraponto com a Paula, que fala da importância da participação das federações esportivas em toda essa corrida e essa estruturação de um esporte para todos, eu queria fazer algumas colocações — não é uma pergunta.

Há um relatório da ONU— Organização das Nações Unidas, o Sport for Development and Peace, que foi apresentado depois da Olimpíada de Pequim e



coloca como uma das indicações que a maior possibilidade de sucesso para a política para todos seria separar as Pastas: uma Pasta para cuidar do esporte espetáculo e uma pasta para cuidar do esporte para todos, tamanha a influência e a força política e econômica que o esporte espetáculo tem, sobrepondo, deixando sempre para um segundo momento, para uma posição acessória, o esporte para todos.

Isso está nesse relatório e, de certa maneira, é o que nós estamos vivendo no País. Nós vivemos hoje um momento em que o Ministério do Esporte não tem mais a Copa do Mundo, não tem mais a Olimpíada, porque já está tudo encaminhado, pronto, sendo feito. Tudo o que se tem a fazer, em termos de preparação das equipes olímpicas, já está sendo executado, porque já foi contratado lá atrás.

Então hoje nós vivemos no Brasil, no momento, uma oportunidade, oportunidade de falar do esporte dentro do Ministério, que é o maior órgão de administração do esporte no País, sem se preocupar em ter que estruturar o esporte rendimento, porque ele já está estruturado. Então nós temos que abrir o espaço para, enfim, nós termos este momento agora — tanta coisa foi plantada nos últimos anos, nas últimas décadas. Precisamos levar isso em consideração.

Amanhã nós vamos falar de financiamento, vamos falar de conceitos, e isso realmente reflete no financiamento público para o esporte. Qual é a função do Estado, da Federação, da União, em termos de financiamento do esporte? Nós vamos ter que debater essas questões, vamos ter que apresentar uma posição a respeito dessas questões. É justo o Ministério do Esporte dedicar praticamente todo o seu orçamento para financiar o esporte rendimento? O que nós representantes do esporte no Brasil temos a dizer quanto a isso? O que se diz lá fora?

Mais uma questão: a respeito da pirâmide e da suposta desconexão entre as dimensões. Eu queria trazer uma palavra do filósofo Manuel Sérgio e falar de valores, do valor do esporte espetáculo *versus* o esporte participação, o esporte para todos. O esporte espetáculo deve ser a expressão máxima de qualidade, de potencial humano daquele contexto de esporte, seja da dimensão esportiva, seja do País, da região, seja da escola. Quando nós falamos escola, o esporte escolar é a dimensão máxima do esporte praticado naquele ambiente. O nosso esporte



rendimento deve ser a expressão máxima de algo que seja real, praticado na base. Eu acho que isso é uma inspiração para as discussões que vêm.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evandro Roman) - Obrigado Sra. Ana Moser.

Com a palavra o Sr. Jonathan Machado Chagas, da Liga das Atléticas da Universidade Federal de Santa Catarina.

(Não identificado) - Existe mais alguém?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evandro Roman) - Ele não está presente?

(Não identificado) - Está lá em cima.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evandro Roman) - Está lá. Há mais três aqui.

O SR. JONHATHAN MACHADO CHAGAS - Boa tarde. Primeiramente eu gostaria de cumprimentar todos os palestrantes da Mesa pela ótima explanação. Eu sou estudante de Direito da Universidade Federal de Santa Catarina — UFSC.

Vou explicar um pouco sobre a estrutura do esporte universitário da UFSC. Até o ano de 2012, acontecia a Copa UFSC, nos moldes de um campeonato intercursos, mas ela deixou de ser realizada. A partir de então, como o esporte na Universidade Federal ficou em segundo plano, algumas iniciativas estudantis começaram a surgir no molde de associações atléticas, que são associações civis sem fins lucrativos organizadas pelos estudantes dos cursos, as quais passaram a ter um viés totalmente focado em fomentar a prática esportiva dentro da Universidade Federal de Santa Catarina.

No ano de 2013, essas associações fundaram uma liga, a Liga das Atléticas, e passaram a organizar uma competição desportiva chamada Interatléticas, que também passou a se desenvolver no molde de competição intercursos, com a modalidade olímpica e alguns outros tipos de modalidades.

Então, o esporte na Universidade Federal de Santa Catarina passou a ser sedimentado em dois setores: um fomentado pelas Atléticas e o segundo nos moldes das equipes oficiais que representam a UFSC institucionalmente. Inclusive, neste ano, para o campeonato do Interatléticas, que acontece no segundo semestre, nós contamos com a cooperação dos treinadores das equipes dos times institucionais da UFSC para que eles observem os atletas participando da competição e eventualmente captem os atletas que se sobressaírem, para que



comecem a treiná-los e para que eles possam representá-la institucionalmente nos campeonatos de que ela venha a participar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evandro Roman) - Conclua, por favor, a pergunta.

O SR. JONHATHAN MACHADO CHAGAS - Nesse sentido, eu gostaria de perguntar à Mesa se essas iniciativas individuais podem e devem trabalhar em parceria com o setor público, em parceria com a Universidade, para o desenvolvimento do esporte universitário e como isso pode ocorrer?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evandro Roman) - Obrigado, Jonathan.

Com a palavra, para as três últimas perguntas, Sérgio Dominícia. É isso?

O SR. SÉRGIO DOMINÍCIA - É isso mesmo, Deputado. Obrigado. Faço uma pergunta para o Prof. Gonzalo.

Boa noite, Professor. Parabéns pela sua explanação. O senhor falou sobre a Title IX. Hoje de manhã eu conversei com o Deputado Márcio a respeito dela, porque eu acho que ela é um excelente exemplo para o Brasil.

Grosso modo, o esportivo feminino no Brasil vai mal, talvez, algumas exceções, como o voleibol feminino, o judô feminino ou a seleção brasileira de handebol feminino, o resto está numa situação muito ruim.

Eu pergunto para o senhor, já que o senhor acompanhou e ouvir falar dos investimentos feitos no Brasil no âmbito governamental e também das discussões no Congresso sobre o perdão de dívidas de clubes de futebol, se a (*ininteligível*) seria uma solução para o esporte feminino no Brasil, haja vista que ela mudou o panorama e o quadro do esporte feminino americano?

Qual a opinião do senhor sobre isso? O senhor tem subsídios para responder sobre isso?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evandro Roman) - Peço licença só um pouquinho, o Prof. Valter tem que sair devido ao adiantado da hora, vai fazer um comentário. Eu já abro para as duas perguntas e encerramos com o comentário dos dois palestrantes.

O SR. VALTER BRACHT - Pedindo desculpas pelo fato de ter que sair, para não perder (*ininteligível*), eu não queria deixar de comentar rapidamente algumas coisas que foram colocadas aqui também.



Em primeiro lugar, em relação a essa questão do conceito. Olhem, os conceitos tentam apreender o movimento das coisas, então, vejam, não se trata de fragmentar o conceito de esporte. Eu posso até formular um conceito amplo que abarque todas as manifestações e, em algum momento, se eu quiser dar operacionalidade ao conceito, eu tenho que fazer essa diferenciação.

Então, a questão é como eu estabeleço relações entre essas diferentes manifestações, que relações eu reconheço, que diferenças eu reconheço, isso precisa ser colocado. Então, eu acho que seria importante ter isso bem claro.

Alguém perguntou qual é o problema do sistema piramidal. Vejam, o sistema piramidal foi pensado para chegar ao final e produzir atletas de alto rendimento, ou seja, conquistar troféus, medalhas etc., êxito esportivo no sistema de alto rendimento.

Eu diria que o sistema piramidal, além de ser um problema para o desenvolvimento do esporte, como prática do cidadão comum, ele não funciona, simplesmente, não funciona. Pode ter funcionado num determinado momento, hoje, a tecnologia para produzir um atleta de alto rendimento é tão específica, que ela não depende de uma grande massa da população. Aliás, é o contrário, exatamente o investimento num grupo seletivo é que vai permitir que se chegue ao alto rendimento.

Por exemplo, não me parece que a ginástica olímpica seja uma prática de massa da população brasileira, no entanto, nós temos hoje atletas de alto rendimento. Eles são resultado do quê? De um investimento muito específico num grupo, com o desenvolvimento de uma tecnologia muito específica, contratação de profissionais especializados, laboratórios trabalhando em cima etc., etc. Este é o jogo que está colocado!

Então, a pirâmide esportiva não só não é interessante, no meu entendimento, para uma política pública de esporte, como também não funciona para aquilo que foi pensado. Hoje, não funciona mais para aquilo que foi pensado!

O voleibol brasileiro obteve sucesso internacional muito antes de ser massificado (*risos*), quer dizer, essa massificação veio, se é que veio, eu acho que não há, veio posteriormente.

Um rápido comentário sobre a questão do *dopping* para não brigar com o Antônio Carlos. Vejam, enquanto a questão do *dopping* das drogas no esporte for



tratada como uma questão moral individual, ela não vai se resolver. O problema do *dopping*, do uso de drogas no esporte, é um problema sistêmico e tem que ser tratado desta forma. Então, esses apelos morais, essa incriminação individual só fomenta o processo de burlar o sistema, não resolve o problema.

Queria também dizer que uma das razões, que uma das consequências de se pensar o sistema esportivo diferenciado, como eu coloquei, é a de que também, nesse plano, há necessidade de formação profissional muito diferenciada. Então, não adianta eu pegar um profissional altamente qualificado como técnico de basquete e levá-lo para aquele CRAS que a Ana Moser citou para trabalhar, ele não vai saber fazer nada lá e vice versa.

Então, nós temos que ter claro que, inclusive no plano da formação profissional, esses subsistemas, no âmbito do esporte, exigem formações também diferenciadas. E esse é um elemento importante da política pública para este setor, o.k.?

Mais uma vez, muito obrigado pela atenção, desculpem-me por chateá-los e desculpem-me por eu ter que me ausentar rapidamente.

Muito obrigado a todos. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evandro Roman) - Sr. Valter, nós agradecemos a sua participação. Obrigado e desculpe-nos pelo adiantando do horário.

As duas últimas perguntas são da Daniele Mendes, do Instituto Esporte Mais.

A SRA. DANIELE MENDES - Boa tarde. Meu nome é Daniele Mendes. Sou atleta de futebol feminino e representante do Instituto Esporte Mais, de Fortaleza, no Ceará, mas o represento em Brasília. Trabalho também com projetos de inclusão social.

Eu vou ser bem sucinta. A pergunta que eu quero fazer, de fato, para ser bem clara, é: desses modelos esportivos internacionais que vimos hoje, qual seria a solução para uma maior inclusão, “empoderamento” e equidade de gênero nos esportes para as mulheres? De que maneira, considerando todos esses modelos que foram apresentados hoje e trazendo para o Brasil, adequando-se à realidade do Brasil, de fato, poderíamos contribuir para aumentar o número de participantes das



mulheres, principalmente no futebol? Aqui é o País do futebol, mas não o do feminino, infelizmente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evandro Roman) - Está o.k.

Com a palavra a Sra. Dalva Santos. É a última pergunta.

A SRA. DALVA SANTOS - Boa tarde.

Manifesto-me novamente. Eu sou da equipe colaboradora do Pará do Programa Segundo Tempo na Escola. Sou doutoranda do Programa Estudos do Lazer, da UFMG.

A minha questão está mais relacionada à questão do controle social. De que forma vocês visualizam o controle, a fiscalização e a participação efetiva da população nesses sistemas internacionais? Como vocês veem, na nossa realidade brasileira, como pode se dar, de forma efetiva, a participação e o controle social?

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evandro Roman) - O.k.

Há uma última pergunta da participação *online* por meio do Portal e-Democracia. É a do Sr. Alexandre Machado Rosa: *“A questão do financiamento é um ponto fundamental. Como obrigar Estados e Municípios a destinarem percentuais mínimos de recursos para o desenvolvimento do esporte na cidade?”*

Pela ordem, concedo a palavra ao Prof. Gonzalo para as suas considerações das perguntas e também — aproveitando — para as considerações finais.

O SR. GONZALO BRAVO - *(Intervenção em espanhol.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evandro Roman) - Está o.k.

Concedo a palavra ao Prof. Antônio Carlos Gomes para as suas considerações.

O SR. ANTÔNIO CARLOS GOMES - Eu vou ser muito rápido, devido ao tempo. É sobre uma pergunta do telespectador com relação à seleção de talentos da DTE. Como entendemos isso no sistema com o qual funcionamos?

Na verdade, primeiro, para se falar em selecionar o talento, temos que achá-lo e temos que dar oportunidade a ele. Acho que nós precisamos ampliar mais as oportunidades às nossas crianças, mas não é só isso. Precisamos ampliar mais a nossa cultura esportiva.



Nós sempre selecionamos jovens para algumas modalidades. São sempre as mesmas modalidades. Nós sempre falamos em futebol. Nós sempre falamos em futsal. Nós sempre falamos em voleibol. E? E? E? E já diminuiu. Já diminuiu a natação, e aí já começa. Então, hoje nós temos mais de 70, 75 modalidades possíveis de serem praticadas. Então, a primeira coisa é ampliar, dar oportunidade.

Sobre o processo de seleção de talentos, antes de nós falarmos em modelo matemático, psico-morfofuncional, há modelos espetaculares hoje aí. São modelos vindos do contrário do que nós fazemos, rompendo com essa ideia de testar o melhor deste momento e dirigi-lo.

O CER pegou os 10 meninos melhores da minha escola, do meu clube. Eles só são melhores do que a minha amostra. É só isso, nada mais. Para isso ser talento esportivo, a coisa está longe. Para se pensar nisso, nós temos que começar a falar nos modelos de elite e fazer uma regressão para depois virmos buscar aqui realmente essas características do talento.

Então, antes de toda essa indumentária, eu acho que nós precisamos dar oportunidade, ampliar a vivência do jovem que, automaticamente, vai fluir isso, e nós identificaremos os talentos. Então, para cada modalidade há uma confederação como essa que está me fazendo uma pergunta. Devemos criar situações, criar mais oportunidade aos jovens, porque o talento vai fluir depois com facilidade.

Outra questão discutida — que sempre volta — é a do sistema. O que é isso, o sistema? O que é o modelo? Como ele se encaixa? Dentro disso, entra a questão, que foi muito bem colocada por alguém, com relação aos serviços que se pode oferecer.

Eu acho que o grande serviço que uma instituição de fomento ao esporte pode prestar é propagar isso, é propagar a prática dessas atividades na sociedade. Nós não temos muito a cultura disso. Não sabemos direito o que é isso. Quando falamos em prática, para nós virou esporte, realmente, porque a televisão é muito forte. Na televisão, não há programa de esporte participativo. Na televisão, há programa de esporte de rendimento.

Então foi se desenvolvendo uma cultura, através da nossa mídia, que é muito forte, desse esporte de rendimento. Ao contrário de alguns pensamentos, quando



falamos em participação, grande parte da população está ligada nisso, em assistir à Copa do Mundo, à Fórmula 1. É essa a cultura que nós temos.

Então eu acho que nós precisamos começar a criar informativos, em um contexto de Ministério e universidades. Eu não digo um só Ministério, mas criar o gibi de fomento ao esporte na sociedade, informativos através da mídia social, livros. Nós não temos publicação na área do esporte no Brasil. É muito pouco. Nós temos fragmentos. Há publicação de fisiologia. Fisiologia não é esporte. Fisiologia é fisiologia. Não há nada! Não temos literatura sobre esse assunto.

Eu chamo a atenção dos acadêmicos, porque há outro modelo. O acadêmico publica os seus trabalhos científicos, e ninguém lê. A sociedade não lê isso. Ninguém entende esse negócio de desvio padrão para lá e para cá, média e não sei o quê. Isso é coisa de conversa de universidade.

Nós precisamos usar esse modelo para descobrir as coisas, para, talvez, dar verdade às coisas, ou não. Mas a forma com que nós divulgamos isso para a sociedade não está pegando! A sociedade não sabe. Não temos material. Não temos revistas. Não temos “idolozinhos”. A forma com que nós divulgamos o esporte na nossa sociedade é o que reflete lá. É o que nós divulgamos. Essa é a verdade.

O que aconteceu? A mídia, por aí, do jeito dela, criou a cultura. Ela criou a cultura até de quem somos nós. O professor de Educação Física? Ninguém fala nisso. A sociedade já decidiu que nós somos treinadores, *personal trainer*, por exemplo. A sociedade já decidiu tudo o que ela quer praticar lá fora, pois 50%, 40% de tudo o que acontece lá fora não estudamos na universidade. Então é um negócio complexo realmente.

É possível arrumar isso? É possível, na hora em que nós conseguirmos ter o direcionamento, ter o conceito. A mídia precisa entender disso. A universidade precisa estar junto com, e o Ministério precisa estar alinhado a tudo isso. Então nós começaremos a ter um caminho de divulgação para uma nova perspectiva.

Uma última palavra, professora, por favor, é sobre a questão que foi colocada das mulheres no esporte. Eu vejo isso em todo local que eu vou, em todos os países. Eu vim de um país da África também muito preocupado com isso. O percentual de mulheres é muito pequeno na prática de esporte.



Essa é uma questão que vem dos primórdios. É uma questão social. A mulher com outros afazeres se distancia do esporte. Mas, por outro lado também, eu acho que uma política como essa que está sendo pensada em um sistema como esse precisa pensar um pouco mais pesado nessa questão da mulher. Alguns dados que nós até já publicamos em alguns artigos mostram alguns países com um percentual muito mais elevado que o nosso de mulheres, tanto no esporte de rendimento como nas atividades de exercício como o *fitness*, por exemplo.

Então nós precisamos nos preocupar. Isso aqui é uma questão muito particular que eu acho que precisa ser pensada realmente. As mulheres estão longe do esporte de rendimento. Manifestamos em esporte, e é homem para todo o lado. A mulherada sai disso aí. Então eu acho que é uma questão também de fomento cultural com relação a isso. Bom, essa discussão se estenderia por muitas horas. Amanhã temos mais.

Então eu quero agradecer, professor, o convite e a oportunidade e sempre me colocar à disposição no que eu puder contribuir. Obrigado.

A SRA. CÁSSIA DAMIANI - Muito obrigada, Prof. Antônio Carlos. Para não deixar nenhuma pergunta sem um comentário, foi feita uma pergunta por meio virtual sobre a questão da vinculação e obrigatoriedade de financiamento dos Estados e Municípios. O que nós temos a comentar é que isso tem que ser desenvolvido a partir de dispositivo legal. Não há uma espontaneidade de vinculação orçamentária, seja para Município, seja para Estado, seja para a União, se não houver um dispositivo legal. Porém, esse é um assunto extremamente árido para se discutir com Municípios, Estados, União, porque você vai carimbando recursos. Há Municípios e Estados que já fazem vinculação. Uma bandeira forte para o financiamento do esporte, inclusive no âmbito da União, advinda das conferências é a questão da vinculação de pelo menos 2% dos recursos do Orçamento Geral da União para o esporte no âmbito federal, e desdobrando 1,5% para os Estados e 1% para os Municípios, no mínimo, porque têm Municípios que já investem mais em vinculação. Este é um debate que nós estamos levando, sim, no capítulo financiamento, para o nosso sistema.

Amanhã nós vamos debater, especificamente, a questão do financiamento e vamos aprofundar um pouco mais esse tipo de abordagem, inclusive sobre o que a



Ana Moser coloca aqui sobre a preponderância quase que absoluta dos recursos do Ministério do Esporte, ou seja, do AGU ao esporte de alto rendimento. Nós temos de fazer uma correção a respeito disso, porque há um estudo sobre as tendências já desse investimento e, no nosso diagnóstico nacional de esporte fica claro que a maior parte dos investimentos dos recursos federais são alocados para infraestrutura. Inclusive, dois terços dos recursos do AGU e com emendas são para quadras, construção de ginásios, melhorias de infraestrutura e os Centros de Iniciação ao Esporte, no PAC. Isso é muito importante debater. Há uma concentração grande de recursos extras que foram alocados para o esporte, que o Governo Federal colocou como um plano de emergência chamado Plano Brasil Medalhas, para preparação de atletas, agora, para os Jogos 2016.

Então, eu acho que o debate foi extremamente... Que bom! Nosso Deputado teve que ir lá registrar sua presença, votar e voltou a tempo para fazer o encerramento deste debate. Mas eu acho que não poderia deixar sem resposta, pelo olhar do Ministério do Esporte, a relação calendário esportivo/calendário escolar. Tem um grupo interministerial que foi estruturado agora entre esse debate dos dois Ministérios para adequar a questão dos calendários das atividades, para assegurar aos atletas o direito constitucional à educação. Isso é inadmissível, mas a própria LDB já assegura isso. A questão dos calendários e de uma interface desses dois Ministérios é extremamente importante para se garantir, então, que o atleta tenha assegurado e que, inclusive, tenha uma formação profissional e que, após a sua vida de atleta ativa, ele possa continuar no mundo do trabalho, inclusive com uma formação escolar elevada.

Muito obrigada.

Eu passo, agora, então, para o nosso Presidente da Mesa aqui fazer a conclusão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evandro Roman) - Obrigado, Cássia. Obrigado a todos os palestrantes, ao meu amigo Professor Antônio Carlos Gomes, ao Professor Gonzalo Bravo, ao Professor Valter também, que acabou tendo que sair um pouco antes. É muito bom você ouvir realmente essas ações. Eu comentava com a Cássia que nós estávamos sentindo um pouco a falta, principalmente nos Estados, da presença desse lado mais acadêmico das universidades, dessa



presença para se discutir. Muitas vezes se fala, eu que venho da vida acadêmica, que se ficava discutindo muito na parte teórica, muito nas ações e pouco se ia para a prática. E, nesse universo de divergências que vocês puderam sentir, de pontos de vista diferentes, de situações diferentes que foram apresentadas principalmente pelo Professor Gonzalo, que foi o ponto de vista da escola alemã, da escola russa, nós temos que construir aqui o nosso Sistema Nacional de Desporto. Nós temos que criar e desenvolver o nosso Plano Nacional de Desporto, que é uma ação única. Eu sempre falo para a Cássia, falo isso em relação ao Ministro e à toda a equipe, porque realmente é um momento único você poder discutir e tentar chegar a um ponto em que nós possamos ter essa ação de desenvolver isso, pensarmos realmente essa ação de uma política de esportes, mas que venha lá na ponta a dar resultado, que é onde realmente as coisas acontecem.

Eu gostaria de parabenizar o Ministro George Hilton realmente por essa iniciativa de criar o Sistema Nacional do Esporte. Ele assumiu o Ministério num momento difícil, num momento em que — como a própria Ana Moser disse — nós estamos discutindo, mas muitas coisas já estão andando e, nesse nível de dificuldades, ele também está atuando. Eu até falei lá em Aracaju, um dia desses, que ele é aquele pai que quer dar ao filho o máximo, mas tem limitações — nesse caso, devido às dificuldades econômicas, aos gastos que nós tivemos com Copa do Mundo e Olimpíadas, enfim, a todas essas ações.

Eu também gostaria que o Deputado Márcio Marinho, Presidente da Comissão do Esporte da Câmara dos Deputados, criasse essa Subcomissão para que nós possamos discutir isso melhor. Eu falo sempre que é bom desenvolver esse trabalho com o maior número possível de mãos de pessoas que venham dessas ações. Eu sempre tive o conceito de que é nas divergências que se constrói o conhecimento. Sempre, quando há alguém que diverge de você ou que tem um ponto de vista diferente, faz você buscar, aguçadamente, cada vez mais, aquele ponto de vista em que você acredita. Eu sempre procurei acreditar nisso. É por isso que nesse meio da construção do conhecimento há sempre aqueles grandes embates dentro de uma universidade.

E a você, Cássia, que está realmente na condução desse trabalho junto ao Ministério, quero parabenizar pelo belo trabalho. As pessoas que vêm aqui — nós



temos representantes das universidades, pessoas que vivem a vida acadêmica, federações, Municípios, ligas, estudantes — nos dão realmente a garantia de que nós teremos sem dúvida um esporte cada vez melhor e uma política bem delineada. Nós não vamos acertar tudo — podem ter certeza disso —, mas que nós tenhamos um eixo norteador e que, daqui a pelo menos 8 ou 10 anos, ou talvez antes, nós venhamos a rediscutir e assim nós vamos criando e desenvolvendo o esporte.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evandro Roman) - Pode falar.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evandro Roman) - A educação está desde 1932 fazendo essa ação, construindo esse cenário.

Nós estamos em momento único. Eu digo sempre que o trabalho que nós estamos fazendo na Câmara dos Deputados é um trabalho de apoio ao Ministério do Esporte. Ninguém tem a intenção mínima de fazer uma divisão, tanto que nós já nos reunimos e falamos: *“Vejam como vocês estão fazendo para nós trabalharmos de forma que lá no final nós venhamos a nos unir e ter uma única ação voltada tanto para o sistema como para o plano nacional”*. Isso nos dá realmente essa junção.

Eu vivo do esporte desde os meus 7 ou 8 anos e eu nunca me vi fazendo coisa diferente. Então, eu tenho realmente esse encanto, esse entendimento. Busquei a vida acadêmica, porque eu queria permanecer no meio. Quis o destino que eu viesse parar aqui, mas com a bandeira principal, que é a bandeira do esporte.

Então, obrigado, mais uma vez, professor Antônio Carlos Gomes. Agradeço também ao professor Gonzalo Bravo.

Como nós temos essa grande parceria, eu tenho aqui, no ato cerimonial, que lembrá-los de que amanhã na Sede norte do Ministério do Esporte, na 511 norte, este seminário continua com mais debates sobre o Sistema Nacional do Esporte. No período da manhã, a discussão será sobre “Conceitos e Concepções de Esporte do Sistema Nacional” e, à tarde, sobre “Financiamento do Esporte”, que foi uma das questões feitas pelo e-Democracia *on-line*. Reitero mais uma vez a parceria existente entre o Ministério do Esporte e esta Comissão do Esporte da Câmara dos Deputados.



Meu muito obrigado.

Uma boa noite a todos e que amanhã estejamos novamente discutindo o esporte. (*Palmas.*)